REVISTA DO ENSINO

ORGAM OFFICIAL
DA DIRECTORIA DA INSTRUCÇÃO

ANNO II | Bello Horizonte, Fevereiro de 1926 | NUM. 11

ORAÇÃO DA MESTRA

A versão da maravilhosa «Oração da Mestra», que se vae ler, deve-a a «Revista do Ensino» a um dos seus collaboradores, que julgou opportuno offerecer o encanto de sua leitura aos professores mineiros, agora que acaba de passar pelo Rio de Janeiro, a caminho da Europa, a grande poetisa e educadora chilena Gabriela Mistral, autora dessa pagina de alta belleza e de commovente exaltação profissional.

Através dos periodos dessa oração empolgante, os leitores desta publicação vão pôr-se em contacto com um dos mais alcandorados espiritos e uma das mais poderosas mentalidades sul-americanas, cuja vida forte, generosa e fecunda tem sido toda consagrada ao ensino. Por toda parte tem fundado escolas e, em todas as escolas, ensinado o amor e o caminho da vida justa, no dizer de um publicista.

Impossivel dynamizar, nos poucos periodos de uma noticia ligeira, a vastidão da obra dessa formidavel creadora e poetisa, como impossivel fixar num traço rapido, as linhas largas e soberbas do seu perfil intellectual. Para dar uma idéa do prestigio mental dessa mulher predestinada, basta dizer que Gabriela Mistral vae occupar agora, no Velho Mundo, o logar de chefe da Secção de Letras, do Instituto de Cooperação Intellectual da Liga das Nações.

«SENHOR! Tu que ensinaste, perdôa que eu ensine e que tenha o nome de mestra, que tiveste na terra.

Dá-me o amor exclusivo de minha escola: que mesmo a ansia da belleza não seja capaz de roubar-lhe a minha ternura de todos os instantes.

Mestre, faze perduravel em mim o enthusiasmo e passageiro o desencanto. Arranca da minh'alma o subalterno desejo de justiça que ainda me perturba, o mesquinho assomo de protesto que sôbe do coração quando me ferem. Não me dôa a incomprehensão nem me entristeça o olvido dos que ensinei.

Dá-me que eu seja mais mãe do que as mães, para poder amar e defender, como as mães, o que não é *carne da minha carne*. Dá que eu alcance fazer de uma das minhas discipulas o meu verso perfeito e deixar cravada na sua alma a minha mais penetrante melodia, que assim ainda ha de cantar quando meus labios não cantarem mais. Torna-me possivel o teu Evangelho nos tempos que correm, por que eu não renuncie á batalha de cada dia e de cada hora, em pról de seu ensinamento.

Põe na minha escola democratica o resplendor que aureolava o teu bando de meninos descalços.

Faze-me forte no desvalimento de mulher, e de mulher pobre; faze-me que despreze todo poder que não seja puro, toda pressão que não seja a da tua vontade ardente sobre a minha vida.

Amigo, acompanha-me! Ampara-me! Muitas vezes só te terei a Ti a meu lado. Quando a minha doutrina for mais casta e mais queimante a minha verdade, ficarei abandonada dos homens, mas Tu me apertarás então contra o teu coração—elle que foi cheio de soledade e desamparo. E não buscarei mais que a doçura das approvações em teu olhar.

Dá-me sensibilidade e dá-me profundeza; livra-me de ser confusa e banal no meu ensino quotidiano.

Dá-me que eu possa levantar os olhos do meu peito ferido, ao entrar cada dia na minha escola. Que eu não leve á mesa de trabalho os meus pequenos desalentos materiaes, as minhas mesquinhas dores de cada hora.

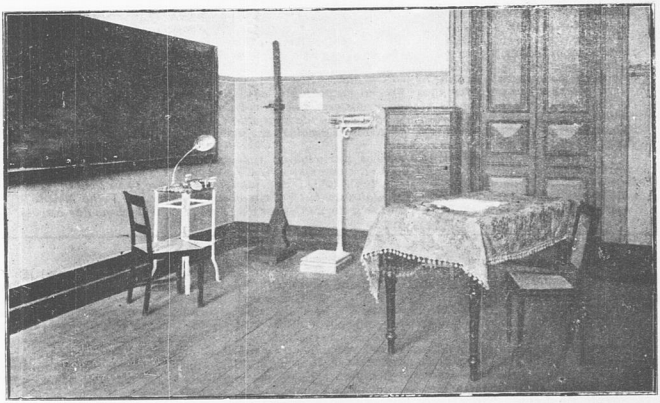
Torna-me leve a palavra no castigo e suavissima na caricia: reprehenda soffrendo, para que se saiba que corrigi amando!

Faze-me que seja de espirito a minha escola de 1 drilhos. Envolva a chamma de meu enthusiasmo o seu atrio pobre, a sua sala nua. O meu coração lhe seja columna e a minha boa vontade, mais ouro que as columnas e o ouro das escolas ricas.

E, emfim, ensina-me com a pallidez da tela de Velasquez, que ensinar e amar intensamente sobre a terra é chegar ao ultimo dia com a lançada de Longuinos no flanco ardente do amor.»

Inspecção medica escolar em Bello Horizonte

Está gradativamente entrando em execução o plano elaborado para a inspecção medica escolar nesta Capital.



Gabinete de inspecção medica installado no Grupo annexo á Escola Normal Modelo

EVIDENTEMENTE, este complexo serviço, de tão alta importancia, não póde ser realizado integralmente em pouco tempo. Elle tem de se exercer sobre cerca de 9 000 alumnos que frequentam as escolas primarias de Bello Horizonte.

No presente anno, mais convenientemente apparelhada, a Inspecção proseguirá com novos e valiosos trabalhos. Assim, já foram os grupos escolares da Capital dotados todos de uma balança e uma toeza, que vêm completar os pequenos gabinetes de inspecção medica nelles installados. Todo alumno deverá ser, daqui por deante, semestralmente pesado e medido, o que permittirá, pelo exame da ficha sanitario-pedagogica, onde todos estes elementos são registrados, verificar-se a evolução normal, sub ou super-normal do peso e da altura de cada alumno, em relação á sua idade.

A inspecção medica pretende ainda fazer neste anno a regulamentação da gymnastica, especializando-a em determinados casos, de accordo com as necessidades physicas dos alumnos.

Tambem merecerá cuidado a organização do serviço de Assistencia Dentaria Escolar, um dos nossos mais prementes problemas, no terreno da hygiene escolar e individual.

Teve a inspecção medica, em vista da diffusão das verminoses em nossa população escolar, que sahir ligeiramente do seu programma para dar combate a esse flagello; o serviço teve começo já no annno passado e será continuado neste anno com a possivel energia. E' desnecessario salientar o grande beneficio que elle trará á nossa infancia escolar, particularmente aos alumnos dos grupos situados nos bairros, que se apresentam, de um modo geral, sanitariamente inferiores aos da zona central.

O grupo Bernardo Monteiro, no Calafate, foi o primeiro visado pela inspecção medica nesse sentido. O exame de material fornecido por 259 alumnos daquelle estabelecimento revelou verminose em 257, ou 99,2 %!

O *necator*, que é o mais prejudicial, appareceu 113 vezes nos 257 casos positivos, ou em 43,9%!

Estes algarismos têm grande significação, pois estão de inteiro accordo com os symptomas clinicos com que estes alumnos se apresentam, quando inspeccionados na escola. E' elementar a necessidade da remoção desse pernicioso elemento de enfraquecimento organico.

No gabinete de inspecção medica do grupo annexo á Escola Normal, organizei em 1925 o archivo das fichas sanitarias de seus alumnos, de cujo estudo trazemos aqui algumas notas:

Em 101 alumnos, apresentaram baixa de visão 30 (29,7%). Em tres desses alumnos (10 %) a insufficiencia era do olho direito. Em 15 (50 %) a insufficiencia era do olho esquerdo e nos 12 casos restantes ella se manifestou em ambos os orgams visuaes.

Em 101 alumnos 21 apresentaram baixa de audição (20, 7 %), sendo 3 (14, 5 %) do ouvido direito e 7 (33,3 %) do esquerdo e 11 (52, %) em ambos. Em 5 casos a insufficiencia da visão coincidiu, no mesmo alumno, com insufficiencia de audição. Ao todo, em 101 alumnos, 44 (43, 5 %) apresentavam baixa de visão ou de audição ou as duas coisas simultaneamente.

As médias de estatura e peso entre os alumnos daquelle grupo foram relativamente baixas e, algumas, irregulares, como se vê no quadro abaixo:

	Sexo masculino		*Sexo feminino*	
IDADE	PESO	ESTATURA	PESO	ESTATURA
7	22.125	1.150	20.166	1.156
8	23.190	1.183	22.387	1.182
9	23.825	1.275	21.942	1.183
10	25.063	1.275	24.842	1.285
11	27.900	1.306	32.241	1.354
12	29.716	1.366	31.788	1.394
13	36.450	1.428	38.785	1.453
14	35.900	1.431	37.300	1.461

Não terminaremos estas notas sem antes nos referirmos a uma séria questão que ha recidamente preoccupa a Inspecção medica escolar: é a deficiencia alimentar de numerosos alumnos que frequentam, principalmente, os grupos situados no Barro Preto e no Calafate. Encontram-se ahi verdadeiros casos de *avitaminose*.

Uma therapeutica pelo leite e pelo pão distribuidos na escola deve ser aqui instituida.

CLAUDIO MANOEL DA COSTA

O LOGAR DO SEU NASCIMENTO.—SUA VIDA, SEU PAPEL NA INCONFIDENCIA MINEIRA

Por LUCIO JOSÉ DOS SANTOS

(Continuação)

NA madrugada de 25 de Maio de 1789, foi a casa do dr. Claudio, em Villa Rica, cercada por uma escolta ao commando do Sargento-mór Pedro Affonso Galvão de S. Martinho. Claudio doente, atacado de rheumatismo, foi preso quando estava ainda no leito, e conduzido para a Casa dos Contractos (1), sendo mettido em um dos segredos que o Visconde de Barbacena ali fizera preparar. Nesse carcere, foi o prisioneiro interrogado a 2 de Julho, respondendo, como passamos a resumir.

1.—Declarou chamar-se Cladio Manoel, da Costa, natural de Marianna, com 60 annos de edade, advogado, residente em Villa Rica.

2.—Perguntado si sabia ou suspeitava por que estava preso: Respondeu que, pelas prisões, soube de que se tramava contra a segurança do Estado. Soube da prisão de Gonzaga, espalhando-se o rumor de que era preso por uma especie de levantamento

(*) Hoje—Agencia do correio.

com idéas de republica, e logo na mesma occasiaõ elle respondente receou ser preso a titulo de socio consentidor, sou approvador de semelhante idéa, e com effeito se encheu de grande pavor e entrou a deprecar os santos por muitas orações, para se ver livre deste ataque, de que o não puderam salvar os seus peccados».

3.—Perguntado quaes erão os confederados e que razão tinha para conhecel-os: Respondeu que era amigo de Gonzaga: sempre conversavam sobre assumptos litterarios em casa ora de um ora de outro. Os inimigos poderosos de Gonzaga o eram tambem delle; «por consequencia da amizade, era infallivelmente certo tentarem para logo comprehendel-o por socio, approvador ou consentidor daquelle attentado, em que o imaginavam comprehendido».

4.—Perguntado si houve dia designado para aquelle attentado, e si sabia quaes eram os confederados: Respondeu que soube das prisões do dr. Alvarenga e Pe. Carlos Toledo, «e se fez logo publico que se meditava entre elles alguma especie de sublevação contra o Estado, sem embargo de que nada disso se manifestava por algum signal exterior ou preparativo, e sómente pelo rumor que já ha via excitado um alferes, que alcunha o Tira-Dentes, andando por casa de varias pessoas a fallar-lhes nessa materia.»

5.—Perguntado si não ouviu as referidas pessoas fallarem no mencionado assumpto:

Respondeu que, em casa de Gonzaga, ouviu «por varias vezes» fallar na materia, tratando-se de republica, «formando o dito doutor hypotheticamente uma idéa do seu estabelecimento, o que facilmente abraçavaõ os outros dous Alvarenga e Pe. Carlos; mas elle respondente foi sempre de contrario parecer á sua creação por causa de que faltando-lhe forças não poderia subsistir».

6.° Perguntando quaes eram os outros assistentes, alem dos dous citados: Respondeu que se referira apenas aos dous — Coronel Ignacio José de Alvarenga e o Vigario de S. José, Padre Carlos Corrêa de Toledo; estes pouco demoraram em casa de Gonzaga, mas passavam as tardes e noites em outras casas, onde fallando com facilidade, divulgavam essas cousas: assim, em casa de Domingos de Abreu, onde estavam Tiradentes e o Padre Rollim, do Serro, «que tambem se diz indiciado neste crime.» Disse mais que «varias vezes observou em conversas com o doutor Gonzaga, no quintal delle respondente, naõ deixavaõ os denunciados de fallar com extensaõ nesta materia com o Tenente Coronel Francisco de Paula, e seu cunhado José Alvares Maciel que foi o primeiro que suscitou esta especie com a lembrança de Inglaterra, dizendo em uma occasiaõ que elle faria a polvora, e que a primeira cousa era tomar-se a caixa real, bem que isso era hypotheticamente, e naõ em acto deliberativo e acçaõ; e desta especie presume elle respondente se foram referendo as tentativas entre os tres acima nomeados, Gonzaga, Alvarenga e Vigario Carlos; que elle respondente presume serem os que puzeram algum interesse na esperança desta acçaõ, que jamais teria effeito, por faltarem todos os meios de se verificar.»

7.° Perguntado si teve noticia do plano do levante, ou de alguns dos seus capitulos: Respondeu que não viu disposição para isso, pois não assistiu «as conversas dos ditos nas referidas casas de Abreu, e dito tenente coronel Francisco de Paula, e só se resolve a tirar esta illação, perdões e outros factos de que está lembrado.»

8.° Perguntado sobre os factos a que faz menção: Respondeu que o primeiro dito foi o do Padre Carlos, o qual, quando foi despedir-se do respondente, disse-lhe que voltaria feito um homem grande: que ficava esperando aviso do Tenente Coronel Freire de Andrade, sendo a senha do levante esta: *Tal dia faço o meu baptisado.*

O segundo dito foi de Maciel que lhe referiu a conversa que teve com o Visconde de Barbacena, nestes termos: S. Ex. disse hoje, que o Alvarenga lhe fallára assustado; e vendo elle respondente ao dito Alvarenga lhe contou esta especie sem maior penetraçaõ do que havia, por nada ter presenciado nem sabido, ao que respondeu o dito Alvarenga: Queira Deus não ande por aqui Francisco de Paula.»

O respondente declarou ao Pe. Carlos que aquillo não tinha pés nem cabeça, ficando muito longe de pensar em que aquellas conversas tivessem algum effeito.

9.—Perguntando sobre o terceiro dito, a que se referira: Respondeu que não estava mais lembrado.

10.—Perguntado si os confederados tinham corrompido a tropa: Respondeu que não podia saber especificadamente o que se passou com a tropa, «mas que de um dito seu contra a dita tropa, lhe tem resultado toda a sua infelicidade, porque dizendo-se que o Tiradentes fallava a uns e outros da tropa, respondeu elle respondente que a tropa era culpada em o não ter preso logo, e daqui veiu conspirar contra elle respondente, naõ communicarem-se testemunhas para o seguirem no crime com o Tiradentes homem com quem só fallou uma ou duas vezes no seu escriptorio, vindo tomar conselho em companhia de outros, e pessoa de taõ pouco talento, que nunca serviria para se tentar com elle facçaõ alguma, sendo mais verosimil que, a não ser o odio que conceberaõ a elle respondente, o quizessem comprehender com o doutor Gonzaga, de que era amigo».

11.—Perguntado si, estando em casa de Gonzaga, foi Tiradentes á procura deste: Respondeu que sim, algumas vezes, não sendo recebido, pois Gonzaga o aborrecia dizendo, «que um homem daquelles poderia fazer muito mal á gente, pelo seu fanatismo, no que conveiu elle respondente dizendo-lhe que daquella natureza erão os Havalhaquis (2), os Jacques e os Amiens».

12.—Perguntado si ouvira algum dizer a falla que seria dirigida ao povo: Respondeu que, conforme lhe dissera o Pe. Carlos, o Te. Cel. Freire de Andrade fallaria á tropa, estando ao seu lado o Tiradentes para a convencer, mas, «tudo parecia ao respondente fabula e ridicularia». Affirma que é

(2) Deve ser *Ravaillac.*

innocente, não tendo prestado «ajuda, falla ou conselho para semelhante procedimento». Não formou planos nem ministrou idéa alguma para semelhante facto.

13.—Perguntado si se lembra das palavras ou da substancia da dita falla á tropa: Respondeu, segundo ainda o que pelo Pe. Carlos lhe fora dito, que Freire de Andrade faria «á tropa uma falla de missionario»; Tiradentes, porem, entendia que devia ser assim: «Meus amigos, ou seguir-me ou morrer». Disse então o respondente ao Pe. Carlos que elles eram uns loucos. Tudo aquillo lhe parecia comedia, «mas a sua desgraça lhe faz delicto das cousas mais insignificantes».

14.—Perguntado si sabe qual o destino que dariam ao Visconde de Barbacena: Respondeu que, como disse não viu planos nem artigos, suppondo que tudo era brinco de palavras; lembra-se porém, de que em certa occasião, Gonzaga lhe disse, «que o Visconde teria o primeiro logar na sublevaçaõ, respondendo o respondente com gracejo».

15.—Perguntado si sabe ou ouvio fallar nas leis para a nova republica: Respondeu que não, pois "não se tendo tentado a acção, mal poderia cuidar-se de nisso.

16.—Perguntado si os confederados já tinham armas ou bandeiras: Respondeu que, em certa occasião, Alvarenga propuzera a lettra — *Libertas quae sera tamen.*

17.—Perguntado si queria dizer a verdade, pois não era natural que, sendo homem de talento, deixasse de ser muito instado para ter grande parte na facção: Respondeu que já tinha declarado o ridiculo e mofa que deu a essas cousas "pois jamais pensou que viessem á luz, produzir tão escandalosos effeitos, do que elle vem a padecer a maior parte, com injuria de sua familia innocente e seus irmãos, em tudo innocentes e sustentados com honra: "mas bem conhece por beneficios de Deus, que a sua libertinagem, os seus maus costumes, a sua perversa maledicencia, o conduzem finalmente a este evidentissimo castigo da justiça divina, e apezar das immensas intrigas e calumnias, com que se acha denegrido da presença do Exmo. Sr. Visconde, protesta, que nunca em seu animo procurou ou desejou levissimamente offender a sua respeitavel pessoa, e que só pelo genio gracejador que tinha poderia deslisar-se em algum dito menos decoroso, não desconfiando daquelles mesmos que teriaõ já dito, em igual occasiaõ, outras iguaes gravidades; pelo que lhe pede o perdão de tanto escandalo, e lhe roga que sendo elle mau, como confessa, nem por isso reputa virtude nos denunciantes destes ditos, e que talvez sejão mais temiveis estes que os mesmos denunciados."

O documento, que em substancia acabamos de ver, é uma peça tristissima. Deante daquelles juizes não está o advogado de talento, o poeta laureado, o escriptor eximio, o patriota notavel que foi o Dr. Claudio Manoel da Costa; mas um velho possuido de invencivel pavor, acovardado, denunciando os seus mais caros amigos, escondendo a sua propria comparticipação para atirar aos outros toda a culpa, contradizendo-se a cada passo, para terminar na mais lamentavel descaida, descendo á humilhação suprema de se calumniar a si mesmo e implorar o perdão dos seus implacaveis algozes!

Claudio sabia "que o processo seria summario e certa a condemnação como reu, que se fizera, do crime de inconfidencia de primeira cabeça", por isso fraqueou, "cahiu em repetidas contradicções; desceu a retractações humilhantes e a arrependimentos que por honra sua, não cremos sinceras! Talvez fossem os primeiros assomos da alienação mental que lhe inspirou o fatal designio de terminar por suas mãos a existencia enforcando-se". (3)

---

(3) Fernandes Pinheiro. *Revista do Inst. Hist. e Geog. Bras.*, tomo XXXII—1869.

Um typo interessante de escola livre e experimental

O QUE ESTA SENDO FEITO NOS ARREDORES DE PARIS

O eminente pedagogo francez, M. R. Cousinet, a pedido de um grupo de paes de familia e de educadores, fundou nos arredores de Paris, Croissy, uma escola que funcciona desde março do anno passado.

Trata-se de uma escola livre e experimental. Esta escola, ou melhor, esta casa de meninos, se destina a verificar si, como experiencias anteriores permittem prever, creanças de ambos os sexos vivendo em conjuncto e encontrando nas diversas occupações um estimulo para todas as formas de sua actividade, são capazes de educar-se moral e

intellectualmente. Os professores, cuja presença não se dispensa, só têm interferencia na vida da escola quando uma necessidade imperiosa o exija. Elles devem principalmente observar com o maior cuidado e de uma maneira constante, a actividade quotidiana das creanças, registrando suas observações; deverão além disso prestar attenção a todas as manifestações desta actividade, de sorte a surprehendel-as quando se apresentam, e proporcionar ás creanças, quando opportuno, os materiaes de que necessitem. Com estes materiaes, que substituem as lições da escola profissional, far-se-á a cultura do espirito. Procura-se assim substituir a educação *por pessoas* pela educação *por cousas*.

Para a realização desse objectivo deve-se dirigir ao instincto das creanças que pareça mais geral e mais forte: o instincto (porque a creança se sente inconscientemente muito differente do adulto) de construir, longe do mundo organizado pela civilização dos adultos, um meio que lhe seja propicio e no qual se possa desenvolver livremente. Este instincto dá nascimento a outros dois que se podem chamar *instincto domestico* e *instincto de propriedade*. Consiste o primeiro em querer construir para si e para o seu grupo uma casa a seu gosto; o segundo (que tambem se pode chamar *instincto de collecção*) consiste em collocar nesta casa um conjuncto de cousas bem conhecidas, observadas e classificadas que constituem a propriedade, o thesouro do individuo e do grupo. Pelo approveitamento destes dois instinctos é possivel edificar-se, de modo natural, uma cultura intellectual.

Quanto á educação moral, pensa-se que a vida livre em commum, a cooperação continua, o auxilio mutuo necessario, a variedade quasi infinita das occupações, realçarão todos os dons naturaes e farão apreciar a utilidade de cada um, bastando para assegurar aquella. Outras experiencias permittem julgar a veracidade deste conceito.

A escola será um internato. As creanças, em numero de vinte a principio, de quatro a doze annos, se dividem em dois grupos: um de pequenos e outros de maiores, cada um confiado a uma professora. Deverá haver tambem uma professora de educação domestica.

A casa comprehenderá, sempre que possivel, os seguintes compartimentos: cozinha, refeitorio (que servirá tambem de bibliotheca); salão de musica, com um palco para representações; salão de estudo, laboratorio, museu etc. Estes quartos terão apenas os moveis estrictamente necessarios e os que as creanças não possam fabricar (mesas, armarios, leitos, etc.) de sorte que desde os primeiros dias as creanças se installem e trabalhem de accordo com seus gostos e costumes.

Não haverá regulamento, nem horarios (salvo para as refeições e o somno), nem programmas. As creanças gosam mais de ampla liberdade.

Occupações

I. Os pequenos terão todo o material de Montessori, com o qual farão a educação dos sentidos e apprenderão a contar, ler e escrever.

Além disso ellas cuidarão, na medida de suas forças e seus desejos da limpeza da casa, jardinagem, cozinha etc.

Dispõem de instrumentos com os quaes possam fabricar ou concertar moveis etc. Com o auxilio da professora, quando as creanças o solicitarem, poderão dansar, acompanhadas ao piano ou gramophone, cantar, contar historias etc.

II. As occupações do grupo dos maiores serão em primeiro logar de ordem domestica:

I. Cuidado com a casa, trabalhos domesticos, disposição dos moveis, installação e concertos de apparelhos necessarios, ornamentação da sala, calculos e trabalhos de correspondencia que relacionam com a vida domestica (facturas, recebimento e avaliação de mercadorias etc.).

II Trabalhos de cozinha e de costura, cuidados com o vestuario, lavagens de roupas.

III. Trabalhos de jardinagens, correspondencia necessaria.

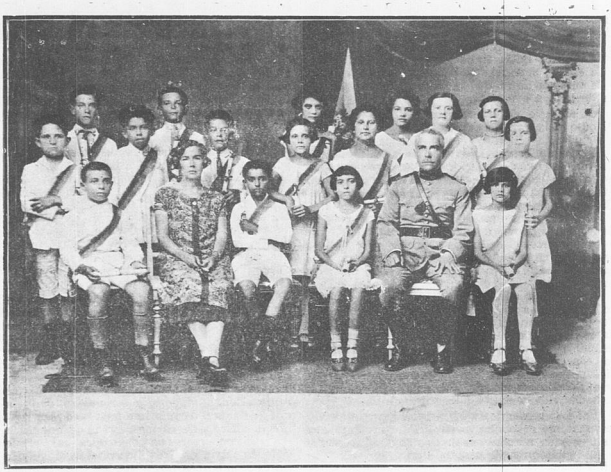
VI. Cuidado com os animaes de curral, calculo de productos gastos, vendas etc.

III. Com a ornamentação da sala se relaciona o trabalho artistico, para o qual as proprias creanças devem procurar o material necessario. A installação do theatro offerece ensejo a representações dramaticas improvisadas, a composição de comedias, em resumo, a toda a actividade literaria das creanças.

IV. O laboratorio dos maiores comprehenderá moveis destinados a receber os materiaes de caracter scientifico, quadros com os quaes as creanças enriquecem a casa. Nos museus scientificos existem instrumentos necessarios á observação exacta das cousas (lupas, microscopios) e dos animaes. As creanças serão iniciadas no mecanismo do trabalho scientifico: redacção de fichas descriptivas individuaes, classificação de fichas, redacção de quadros geraes. As creanças deverão tambem ensaiar algumas applicações de sciencia pratica, taes como: installações electricas, telephone, telegraphia sem fio etc.

A cultura mathematica ficará assegurada pelas operações necessarias ás diversas occupações domesticas.

(*Revista de Educación Nacional*, N. 4, 1925.)



Grupo Escolar de S. Matheus.—Turma diplomada em 1925, vendo-se tambem a directora do grupo, D Isabel Bastos, e o paranympho, Sr. Tenente-Coronel Dr. Alves Cerqueira.

MARIA DA CRUZ

Por DJALMA ANDRADE

Na galeria feminina da historia de nosso Estado ha um typo interessantissimo: — MARIA DA CRUZ

Essa figura extremamente sympathica nos foi revelada por Diogo de Vasconcellos, o primeiro historiador que minuciosamente e carinhosamente focalizou essa mulher de animo varonil.

Maria da Cruz não apparece á nossa evocação sob o aspecto pouco amavel de guerrilheira, como Maria Quita, nem tão pouco ardendo entre as labaredas de uma paixão, como a amada de Gonzaga.

O seu suave perfil, apagado ha duzentos annos, nol-o descreve o historiador: «Era uma mulher alta, compleição robusta, cabellos branqueados, olhos negros, altiva e intelligentissima, deixando transluzir nas linhas graciosas do seu porte um animo verdadeiramente senhoril.»

Não paravam ahi os seus encantos. Educada pelas Carmelitas, Maria da Cruz tinha uma cultura pouco vulgar entre as representantes do seu sexo e rarissima entre as mulheres daquelles remotos tempos. Viuva de Salvador Cardoso de Oliveira, um dos mais bellos typos de heroe da nossa historia, ella dominava soberanamente, ha dois seculos atraz, o arraial de Pedras de Baixo, que hoje, em sua memoria, tem o seu nome.

Sob o seu dominio, o povoado havia chegado a uma notavel situação de calma e prosperidade, tendo-se em vista o remoto da época e a barbaria que reinava nas margens do S. Francisco.

Pedras de Baixo tinha teares, cortumes, officinas de couro, armazens de fazendas, sitios de creação de animaes de raça e, cousa extraordinaria, escolas de leitura e musica.

O milagre desse progresso, Maria da Cruz realizou-o pela pratica constante das mais peregrinas virtudes.

Diogo de Vasconcellos explica a sua ascendencia sobre o povo: «Maria era menos senhora que mãe de toda aquella gente. Escravos, camaradas, aggregados, um milhar de corações batiam por ella. A Casa Grande, sua residencia, era um orphanato.

Era ella quem sustentava os enfermos e os invalidos; quem provia á educação dos menores, pagando os mestres de leitura, de musica e de officios; quem mantinha o culto da capella, quem casava as raparigas e empregava os moços, vida e alma do lugar.»

Graças ao seu suave dominio e ao seu espirito conciliador, o arraial de Pedras de Baixo era um oasis perdido no sertão bravio e inculto. Todo o valle de S. Francisco estava naquella longiqua época infestado por turmas de bandidos e aventureiros da peior especie, sem contar com as temiveis nações de indios ferozes que dominavam as margens do grande rio. Só no povoado de Maria da Cruz reinava a ordem e a vida derivava feliz e tranquilla.

Foi justamente quando o arraial havia attingido o seu maximo grão de prosperidade, que explodiu uma tremenda revolta em S. Romão e adjacencias, que teve como pretexto pesado imposto de capitação applicado aos mineradores por Martinho de Mendonça, então governador das Minas.

Um valente filho de Maria da Cruz, Pedro Cardoso, herdeiro da bravura de Salvador, seu pae, e do espirito bellicoso dos seus avós, entre os quaes se contava o heroico Mathias Cardoso, alistou-se entre os revoltosos, encabeçando o movimento em favor do povo.

A sedição foi, apesar da valentia dos amotinados, immediatamente suffocada e, como sempre acontecia naquelles tempos, punidos os culpados com supplicios tremendos.

Pedro Cardoso, como principal chefe, não podia escapar ás iras do truculento governador e, como Martinho de Mendonça era barbaro e cruel, foi Maria da Cruz tambem arrolada entre os culpados.

Resolvida pelo despota a prisão de ambos, seguiu para o arraial de Pedras de Baixo Manoel Dias, emissario do governador, para cumprir a odiosa missão.

Quando o representante do tyranno chegou ao povoado, o instincto materno fez nascer no espirito de Maria da Cruz a desconfiança do trama ignobil. Antes de pensar na sua situação, cuidou da sorte do seu filho, enviando um pagem a S. Romão, portador de uma carta aconselhando-lhe a fuga. Alma nobre, Pedro quiz, entretanto, soffrer ao lado de sua sublime mãe todas as injustiças e castigos, apresentando-se aos seus algozes, sem que esses nem ao menos o tivessem procurado.

Nesse transe, Maria da Cruz, até então impassivel ante a desgraça, chorou copiosamente.

«Nobre e heroica essa mulher que se poderia dizer uma soberana decahida e prisioneira, só com o filho á vista deu signaes de fraqueza e debulhou-se em lagrimas. Apertando-o convulsivamente nos braços, só se queixou de que elle viesse por ella sacrificar-se.»

É ainda o grande historiador que nos pinta, em cores vivas, a triste scena do embarque dos infelizes prisioneiros para Villa Rica:

«D. Maria mandou equipar o seu baldaquim e nelle acondicionar o que fosse necessario á viagem, de modo a nada faltar até S. Romão.

Feito isto e chegando o dia da partida, sahiu de casa e, apesar do alarido e do pranto das mulheres, como da consternação de todos, imperturbavel, com passo firme, contendo a dor que a enlouquecia, dirigiu-se ao porto e, pela mão do filho, saltou na barca.

Manoel Dias consentiu que ella viajasse só com o filho e que, como remadores, servissem os de sua casa. E, assim, minutos depois, a flotilha moveu-se e afastou-se.

O adeus da praia foi se alongando e a vista do arraial acabou por offuscar-se no vasto e triste plaino das aguas.»

Aos seus proprios algozes causou espanto, durante a longa viagem, a serenidade dessa mulher que, deixando o conforto e fartura do seu lar, caminhava altiva para as masmorras de Villa Rica.

Os conductores da prisioneira, tal era o prestigio de Maria da Cruz, levavam ordem de não atracar os seus barcos nos povoados á margem do grande rio, pois, em soccorro dessa senhora, que synthetizava todas as virtudes de que hoje se orgulham as mineiras, viria o povo, fanatizado pela sympathia que irradiava a figura da illustre matrona.

Depois da longa e penosa jornada, guardando, no semblante a mesma serenidade e a mesma pureza n'alma, Maria da Cruz, com seu filho, tão nobre quanto ella, penetrou nos carceres de Villa Rica e ahi esperou que os tyrannos da época lavrassem a sua sentença.

Diogo Vasconcellos tem razão quando diz: «A essas obscuras mulheres, cujo sangue, até por nós ignorado, corre em nossas veias, pertence de todo o direito a gloria das sãs doutrinas transmittidas ás creanças de suas casas. Foram essas almas puras e singelas, resignadas á vontade de Deus, que nos deixaram esta herança religiosa e poetica, em cujas frontes bebemos o conforto de nossas dores e as doçuras da caridade, tão certo é que basta um só raio de amor para clarear todo um mundo de crueldades, uma só gota de verdade para purificar um oceano de vicios e mentiras.»

Na grande noite de vicios e de crimes que reinava no valle de S. Francisco, ha dois seculos passados, Maria da Cruz foi aquelle raio de amor e aquella gota de verdade de que nos fala Diogo de Vasconcellos.

COMO SE FAZ UMA LIÇÃO DE ARITHMETICA

VITALIA CAMPOS

PRIMEIRO ANNO — PRIMEIRO SEMESTRE

IDÉA DE METADE, DOBRO, TERÇA PARTE, ETC.

A professora porá á frente dos alumnos a carta de Paker (pag. 2) e movimentará a classe com perguntas que desenvolvam a linguagem, a observação, o raciocinio, a memoria e a attenção dos discipulos, procurando recapitular sempre as lições dadas.

Apontando para o quadro B:

P.—Quantas bolinhas temos aqui? Fale você, Humberto.

A.—Temos duas bolinhas.

P.—Como se chama o quadro, onde ellas se acham, Mauro?

A.—Chama-se rectangulo.

P.—Haverá, nesta folha da carta, algum quadrado, João?

A.—Não senhora. Todos os quadros são retangulos.

P.—Muito bem. Vamos observar como se acham collocadas as bolas neste rectangulo (apontando para o quadro B). Ellas estão juntas ou separadas, Armando?

A.—Estão separadas.

P.—De que maneira estão separadas?

A.—Uma de uma banda e outra de outra banda.

P.—E' isto mesmo. Mas diga assim: Uma bola está do lado direito e outra do lado esquerdo do rectangulo.

Sempre que o alumno não se exprimir bem ou pronunciar mal uma phrase, deverá o professor corrigil-o, fazendo-o repetir a sentença integralmente.

P.—Onde ha mais bolas, André? É do lado direito ou esquerdo do rectangulo?

A.—E' a mesma cousa.

P.—Diga: Ha a mesma quantidade de bolas nos dois lados do rectangulo.

Que existe ali, Marietta, separando as duas bolas?

A.—Existe uma linha vertical.

P.—Muito bem. Vocês reparem que a linha vertical separou as bolas em duas partes eguaes, isto é, dividiu as bolas ao meio.

Pois bem. A cada uma destas partes (mostra) vocês darão o nome de meio ou de metade. E a somma das duas metades ou as bolas todas recebe o nome de dobro. De um lado está uma metade; de outro lado, outra metade.

Cada metade, Joaquim, é representada aqui por quantas bolas?

A.—Cada metade é representada por uma bola.

P.—Então, Antonio, qual é a metade de duas bolas?

A.—A metade de duas bolas é uma bola.

P.—A somma das duas metades ou as bolas todas tem o nome de dobro.

Então, Josephina, qual é o dobro de uma bola?

A.—O dobro de uma bola são duas bolas.

P.—Quantas vezes, Alzira, você vê uma bola repetida naquelle rectangulo?

A.—Vejo duas vezes uma bola.

P.—E duas vezes uma bola quantas são?

A.—Duas vezes uma bola são duas bolas.

P.—E duas bolas que parte representam de uma bola?

A.—Duas bolas é o dobro de uma bola.

P.—Alcides, tire na mesa dois livros. Reparta-os com dois collegas seus. (Depois da distribuição) Quantos livros você deu a cada um?

A.—Dei um livro a cada um.

P.—Quantos ficaram para você?

A.—Para mim, não ficou nem um.

P.—Cada collega seu que parte dos dois livros recebeu?

A.—Cada um recebeu a metade de dois livros.

P.—Você fez a mesma cousa que a linha vertical, na carta, não é? Dividiu ao meio os dois livros ou em duas partes eguaes.

Então, Joel, qual é um meio ou a metade de dois livros?

A.—A metade de dois livros é um livro.

P.—E o dobro de um livro quantos livros são, Ricarda?

A.—O dobro de um livro são dois livros.

P.—E uma caneta, Josephino, que parte é de duas canetas?

A.—Uma caneta é a metade de duas canetas.

P. E duas canetas que parte formam de uma caneta?

A.—Duas canetas formam o dobro de uma caneta.

P.—Paulo, si eu disser que seu irmão tem duas laranjas e você a metade das laranjas delle quantas você tem?

A.—Tenho uma laranja.

P.—E elle em relação a você?

A.—Elle tem o dobro das laranjas que tenho.

P.—E você, Elce, tendo duas agulhas e perdendo a metade, com quantas ainda fica?

A.—Fico com uma agulha.

P.—Então uma agulha, Pedrinho, que parte é de duas agulhas?

A.—Uma agulha é a metade de duas agulhas.

P.—E o dobro de uma agulha, Nunes, qual é?

A.—O dobro de uma agulha são duas agulhas.

Venha a Salvina mostrar-me na carta outro rectangulo em que a vertical separa as bolas em duas partes eguaes ou em duas metades. (Deixar que os alumnos descubram os quadros e a metade das

quantidades de bolas indicadas por elles, sem a menor interferencia da professora. E' este um dos meios de se ter presa a attenção de toda a classe, fazendo-a interessar-se, cada vez mais, pelo assumpto da lição).

A.—(Indicando o quadro L, por exemplo) E' este.

P.—Quantas bolas vê você ahi ?

A.—Vejo quatro bolas.

P.—Quaes são as partes eguaes de quatro ?

A.—São dois.

P.—Cada uma dessas partes como se chama ?

A.—Chama-se metade ou um meio.

P.—Que separou as bolas ao meio ?

A.—Foi a linha vertical que separou as bolas ao meio.

P.—Então qual é um meio ou a metade de quatro bolas ?

A.—A metade de quatro bolas são duas bolas.

P.—Dois que parte é de quatro, Luiza ?

A.—Dois é a metade de quatro.

P.—E o dobro de dois qual é, Josina ? Como você deve fazer para saber qual é o dobro de dois ?

A.—Devo sommar dois mais dois que são quatro.

P.—E' isto mesmo. Deve sommar duas vezes o mesmo numero.

Então, Altair, você tendo duas mangas e sua irmã o dobro das mangas que você tem, quantas ella possue ?

A.—Ella tem quatro mangas.

P.—Você, Celso, perdendo dois canivetes e seu primo o dobro, quantos elle perdeu ?

A.—Elle perdeu quatro canivetes.

P.—Venha a Hermengarda tirar na mesa o dobro de duas canetas e depois distribuil-as com duas collegas suas. (Depois de obedecida á ordem). Quantas você deu a cada uma ?

A.—Dei duas canetas a cada uma.

P.—E para você quantas ficaram ?

A.—Não ficou nem uma caneta, para mim.

P.—Que parte das quatro canetas suas collegas receberam, Haydée ?

A.—Cada uma recebeu um meio de quatro canetas ou duas canetas.

P.—Assente se a Hermengarda.

Quero que me mostrem outro rectangulo na carta, em que a linha vertical separa, divide as bolas em partes eguaes ou ao meio.

Venha você, Carolina.

A.—(O alumno, apontando para o quadro J, por exemplo). E' este.

P.—Diga-me quantas bolas ha nesse rectangulo ?

A.—Ha seis bolas.

P.—Qual é a metade de seis bolas ?

A.—A metade de seis bolas são tres bolas.

O alumno responde sem hesitar, porque descobre, pela vista, o numero de bolas que a vertical separou.

P.—Quantos tres vê você, Arthur ?

A.—Vejo dois tres.

P.—Cada um tres que representa ?

A.—Cada um tres representa a metade de seis.

P.—E si sommarmos as duas metades de seis ou os dois tres, que teremos, Ambrosina ?

A.—Teremos o dobro de tres.

P.—Então, tres que parte é de seis, Alayde ?

A.—Tres é a metade de seis.

P.—E seis que é de tres, Olga ?

A.—Seis é o dobro de tres.

P.—Por que você sabe que seis é o dobro de tres ?

A.—Porque seis é a somma de tres mais tres.

P.—E' isto mesmo. E' a somma de tres repetido duas vezes.

Duas vezes tres quantos são, Jair ?

A.—Duas vezes tres são seis.

P.—Então, Olavo, (mostrando o quadro para recapitular o ensino) qual é a metade de duas bolas ?

A.—A metade de duas bolas é uma bola.

P.—E o dobro de uma bola, Geraldo, quantas bolas são ?

A.—O dobro de uma bola são duas bolas.

P.—E a metade de quatro bolas, Hebe ? (mostra o quadro para que o alumno se recorde, pela vista, do que aprendeu).

A.—A metade de quatro bolas são duas bolas.

P.—E o dobro de duas bolas ?

A.—O dobro de duas bolas são quatro bolas.

P.—Você está vendo na carta metade de quatro bolas e dobro de duas bolas ?

A.—Estou, sim, senhora.

P.—Como é que você descobriu isto ?

A.—As metades estão separadas pela linha vertical. O dobro é a somma das duas metades: dois mais dois que são quatro.

P.—Muito bem. Vejam vocês como a Hebe responde tudo tão direitinho, mostrando ser uma alumna attenciosa e que tem vontade de aprender. Quero que vocês todos imitem o exemplo della.

Vamos ver agora quem descobre na pagina seguinte da carta (pag. 3) outros rectangulos em que as bolas estão divididas ao meio. (Virando a folha) Venha a Corina.

A.—(Apontando para o quadro A). E' este.

P.—Muito bem. Diga-me bem direitinho quantas bolas ha ahi; qual é a metade dessa quantidade de bolas e qual é o dobro da metade dessa mesma quantidade de bolas.

A.—Ha aqui oito bolas. A metade de oito bolas é quatro bolas. O dobro de quatro bolas são oito bolas.

Exercitar agora a creança a responder tudo que sabe a respeito da quantidade de bolas, por ella indicada, sem que seja preciso a professora fatigar-se muito com perguntas successivas.

P.—Muito bem. Venha agora Wilson dizer tudo que sabe de outro rectangulo da carta, onde as bolas estão divididas ao meio.

A.—(Apontando para o quadro L). Vejo dez bolas. A metade de dez bolas são cinco bolas. O dobro de cinco bolas são dez bolas.

P.—Quantas vezes vê cinco ahi ?

A.—Vejo duas vezes cinco.

P.—Duas vezes cinco quanto são, Jorge ?

A.—Duas vezes cinco são dez.

P.—E duas vezes dois? E duas vezes tres? E duas vezes quatro?

Vamos agora recapitular tudo o que vocês aprenderam, de um modo mais pratico.

Pedro, vai tirar na mesa o dobro de quatro cadernos e dar a metade á Alzira. (Depois de obedecida a ordem). Quantos você tirou e quantos deu a sua collega?

A.—Tirei oito cadernos e dei quatro á Alzira.

P.—Muito bem. Assente-se. Venha a Rosa tirar a metade de seis lapis. Quantos tirou?

A.—Tirei tres lapis.

P.—Reparta-os com duas colleguinhas, mas não parta nenhum lapis e dê a ambas quantidades eguaes. Quantos lapis deu a cada uma?

A—Dei um lapis a cada uma.

P —Quantos ainda lhe sobraram?

A.—Sobrou-me um lapis.

P.—E si você repartisse só dois lapis com as suas collegas, quantos ficariam para você?

A.—Não ficava com cousa alguma.

P.—Que é que você notou?

A.—Notei que, repartindo-se dois lapis com duas meninas, não sobra nada; repartindo tres lapis com duas meninas, sobra um lapis.

P.—E' isto mesmo.

Venha Waldemar repartir cinco lousas com dois collegas. Mas tenha cuidado ao repartil-as, porque não quero que parta nenhuma lousa e deve dar a ambos quantidades eguaes. (Depois da distribuição). Quantas lousas deu a cada um e com quantas ainda ficou?

A.—Dei duas lousas a cada um e fiquei com uma.

P.—Vejam vocês que engraçado: Quando a Rosa repartiu os tres lapis com duas collegas, ella ficou com um lapis. Agora Waldemar repartiu cinco lousas com dois collegas tambem e lhe ficou uma.

Vamos observar si isto acontece sempre com os outros numeros que vocês viram na carta, representando bolas, mas que não estavam divididas em duas partes eguaes, como as duas, as quatro, as seis, as oito e as dez bolas.

Venha o Eduardo dividir, distribuir sete reguas em partes eguaes para dois meninos. (Depois de obedecida a ordem). Quantas reguas você deu a cada um?

A.—Dei tres reguas a cada um.

P.—E para você quantas sobraram?

A.—Para mim, sobrou uma regua.

P.—Que observaram vocês? Diga, Nelly.

A.—O que sobra é a mesma cousa.

P.—E' isto mesmo. Você entendeu, mas não sabe exprimir-se bem. Diga assim: O resto de sete reguas é o mesmo de cinco lousas e tres lapis, quando estes objectos ou essas cousas são divididas entre duas pessoas, em partes eguaes.

Isto é um meio pratico que vocês têm agora para saberem si dividiram, repartiram bem tres, cinco, sete, etc., cousas entre duas pessoas. Sempre ha de sobrar uma cousa, um objecto, etc.

Si, por exemplo, eu der ao Luiz nove laranjas para distribuil-as com dois irmãos seus e elle ficar com duas laranjas, teria feito a distribuição certa, Carmen?

A.—Não, senhora.

P.—Por que?

A.—Porque devia ter ficado só com uma laranja.

P.—Perfeitamente. Como vocês viram, quando se dividem as cousas, objectos, etc., com duas pessoas, em partes eguaes, ou não sobra nada ou o que sobra é sempre um e nunca dois.

Este exercicio pratico tem por fim desenvolver, instinctivamente, o raciocinio da creança, preparal-a para o calculo mental, além de exercital-a, brincando, na pratica dos restos das divisões. E' ainda um poderoso auxilio para a professora, mais tarde, no terceiro anno, conseguindo que o alumno decomponha um numero qualquer em seus factores primos, com a maxima rapidez.

Algum alumno mais vivo poderá objectar que a metade de tres é um e meio; de cinco dois e meio, etc. Neste caso, dirá o professor que está certo; mas que prefere não partirem nenhuma cousa, porque não é de todas as cousas que se pode partir uma ao meio. Chama-se a attenção delles para quando se tratar de tomar a metade de tres, cinco, sete, etc., homens, casas, pratos, etc.

A razão por que repito muitas vezes as mesmas explicações, embora de modo diverso, tem os seguintes objectivos: 1.° sendo as classes de 1.° anno muito numerosas, em que não ha ainda nivelamento quanto ao grão de intelligencia dos alumnos, muitos não aprendem só com uma ou duas explicações dadas; 2.° havendo outros que as aprendem logo, ficariam enfadados e não estariam mais attentos á lição, si não vissem objectos novos á sua frente, manejados sempre de maneira que lhes desperta a attenção; 3.° instinctivamente, aprende a creança que o numero não depende da grandeza.

Nos dias seguintes, a professora reforçará os conhecimentos dados com problemas oraes, mais ou menos como os que se seguem:

Paulo tinha duas bolinhas de vidro. Ganhou mais o dobro das que elle tinha Quantas tem agora?

Na mesa, havia oito livros. A professora tirou a metade dos livros para guardar. Quantos ainda ficaram na mesa?

Na parede havia dois quadros. A metade foi retirada. Quantos se acham ainda na parede?

Numa goiabeira viam-se seis goiabas. A metade caiu. Quantas ainda ficaram no pé?

Tres meninas brincavam de escola. Chegou mais o dobro das meninas para brincar tambem. Quantas ficaram brincando?

José tem a metade de oito livros; Maria tem o dobro dos livros de José. Quantos Maria tem e quantos tem José?

Num galho de arvore, estavam pousados 10 passarinhos. A metade voou. Quantos voaram e quantos ainda ficaram no galho?

E, como estes, muitos outros podem ser dados, podendo o professor certificar-se de que a lição foi ou não bem assimilada pelos alumnos.

Deve exigir as respostas em sentenças completas, para, mais tarde, nos problemas escriptos, saberem os alumnos escrever as respostas, de accordo com as perguntas.

No proximo numero desta revista, continuarei a lição sobre terça parte, triplo, quarta parte, etc.

NOTA—A 1.ª lição foi publicada com alguns erros de orthographia e syntaxe como sejam: dispertar; para se fazer os mesmos exercicios, em vez de despertar; para se fazerem os mesmos exercicios, além de outros senões de menor importancia.

Bello Horizonte, janeiro de 1926.

Como deve ser a composição escripta

Trabalho de concentração e organização intellectual, antes de tudo.

Por CLAUDIO BRANDÃO

A composição é o mais poderoso factor de robustecimento e de educação mental.

Ensinada, porém, como geralmente o é, quasi nada aproveita. Ainda mesmo nos paizes mais progressivos, não tem ella merecido o zelo e a technica que reclama. O livro de Julio Payot — *L'Apprentissage de l'Art d'écrire*»—critica judiciosamente os processos inefficazes até aqui empregados nesse ramo didactico, salientando-lhes os defeitos e apontando os meios de corrigil-os.

A composição escripta deve ser, antes de tudo, um *trabalho de concentração e de organização intellectuaes*. Deve fixar a attenção do menino em determinado assumpto, encadeando logicamente, por um esforço da vontade, as impressões, as idéas e os sentimentos que nelle tumultúam. Deve habitual-o a ver, a observar, a julgar por si, a descobrir o lado falso e o lado real das cousas, a exercer o senso critico em si e nos outros.

Aqui, mais do que na conversação, é regra fundamental não escravizar a intelligencia do alumno ás opiniões e ás sensibilidades alheias, creando, assim, uma personalidade artificial e passiva. A individualidade do menino, quando normal, deve expandir-se tal qual é, sem constricções nem tropeços. Ao mestre cabe apenas desenvolvel-a com arte e rhythmo. «S'imposer à une pensée et à une sensibilité naissantes, c'est risquer d'en détruire l'originalité et la spontanéité. C'este faire œuvre brutale d'infatué et de despote». (1)

Outro ponto que requer tacto fino é a escolha dos assumptos. Nada de dissertações abstractas ou superiores á capacidade dos alumnos, e sim cousas que possam ser vistas, sentidas, observadas e vividas por elle.

Dado o thema, inicie-se o trabalho de concentração e de organização, exigindo-se que a classe medite sobre o que vae escrever. O professor, mediante habeis estimulações, levará os alumnos a procurar por si mesmos as idéas e os termos necessarios, só intervindo em ultimo caso; pois de outro modo afrouxaria nelles esse esforço tão salutar.

E quantas vezes não brotam dessas intelligencias que acórdam observações agudas, graciosissimos conceitos!...

Conta Tolstoi como despertou em seus discipulos o senso da composição literaria e como muitos delles lograram, em breve, pintar a vida com traços singelos e syntheticos que ao proprio Tolstoi talvez não acudissem, conforme elle mesmo o diz.

Declara Payot que muitas vezes, em classes de crianças de dez annos, lhe aconteceu obter observações e reflexões que os maiores artistas ficariam encantados de encontrar. (2)

Achada uma idéa, seja examinada e criticada por todos os alumnos, de modo que as suas affirmações se tornem conclusões. Depois de ter-se accumulado o material preciso e de se haver traçado, com ordem, clareza e concisão o plano geral do exercicio, encete-se-lhe a elocução.

Cada phrase escripta será analysada em todos os aspectos: sentido, correcção grammatical, qualidades estylisticas, transformações, etc.

(1) Payot. ob. cit.

(2) Ob. cit. p. 66

Sob a direcção do professor, os alumnos compulsam o diccionario, firmando o valor dos termos, determinando-lhes a amplitude, as gradações, os matizes semanticos. Emendam depois os erros de grammatica por acaso commettidos; esforçam-se em seguida para variar a estructura da phrase, formando-a com mais clareza, concisão e harmonia, e assim procederão até concluirem o exercicio.

Objectar-se-á talvez que este processo é moroso. Mas a educação é afan por natureza lento e difficultoso, e não se consumma com impaciencias e atropêlos. Antes tres ou quatro composições por anno, bem reflectidas, bem coordenadas, bem expressas, do que dez ou doze atabalhoadas, illogicas, incorrectas, nas quaes o esforço da criança foi nullo ou perdido, adormecida e falseada a sua observação, anniquilada ou atrophiada a sua reflexão. O ideal do didacta deve ser educar o espirito do seu discipulo, desenvolver nelle faculdades harmonicas e equilibradas, dar-lhe juizo são e autonomo, apparelhal-o, finalmente, para pensar por si, dirigir-se por si, exprimir-se por si.

Um modelo para facilitar o trabalho dos professores

COMO SE FAZ UMA LIÇÃO DE LINGUA PATRIA

QUARTO ANNO — PRIMEIRO SEMESTRE

Estudo, por meio de sentenças, dos verbos activos e passivos

(Do programma do ensino primario)

QUARTA LIÇÃO DA SÉRIE E PRIMEIRA RELATIVA AO QUARTO ANNO

PROFESSORA — Nossa lição de hoje será em torno do trecho que vae ser escripto no quadro e que todos deverão guardar. Abram, pois, seus cadernos de classe e copiem o que a Alice vae escrever. Venha ao quadro, Alice; escreva com muita attenção o que eu vou dictar.

(A professora dicta e vae corrigindo as faltas, explicando a significação das palavras, pedindo synonymos etc.

PRIMEIRO DIA

É hoje o nosso primeiro dia de aula, após um mez e meio de ferias. Com que prazer voltamos a esta casa querida, onde nosso espirito se illustra e o nosso caracter se fórma no molde das mais sublimes virtudes!

Tudo aqui nos parece mais bello! As mesas foram cobertas de flores frescas e viçosas: pelas sulas, pelas varandas, por toda parte, rosas, lirios e azaléas ostentam a belleza de suas corollas multicôres. Essas rosas rubras, esses lirios côr de neve foram plantados por nós, no dia da festa da Primavera. Cresceram e floreceram rapidamente, como, tambem, cheias de viço, florescem em nossos corações, as flores perfumadas da gratidão

E' este o nosso ultimo anno de curso primario. Depois partiremos... seguiremos o nosso destino na vida... Jamais, porém, esqueceremos esta casa abençoada. E, mesmo depois de grandes, longe da feliz quadra da infancia, evocaremos o alegre convivio deste grupo escolar e a saudade reviverá em nossas almas os dias tranquillos e risonhos que aqui passamos.

P.—Bem. Agora prestem attenção. Vão apprender um ponto muito importante de nossa lingua. Em primeiro logar, Alice, leia em voz bem clara o que escreveu. *(O alumno obedece).*

P.—Vamos destacar algumas sentenças deste trecho. Escreva, Alice, á direita do dictado, as seguintes phrases: *(Dictando).*

As mesas foram cobertas de flores frescas e viçosas.

Essas rosas rubras, esses lyrios cor de neve foram plantados por nós, no dia da festa da Primavera.

Leia a primeira sentença, Alice.

P.—Qual é o sujeito dessa sentença? *(Signal dos alumnos)* Responda, Lucia.

A.—As mesas.

P.—Sim, as mesas. E o predicado?

A.—Foram cobertas de flores.

P.—Quem terá coberto de flores, as mesas?

A. A.—As professoras. As serventes.

P.—Observem que quem fez, quem exerceu a acção do verbo *foram cobertas*, não foi o sujeito *mesas.*

O sujeito *mesas*, em vez de exercer, recebeu a acção do verbo. Está claro que as mesas não se poderiam cobrir de flores, sem que alguem, algum agente extranho sobre ellas collocasse as flores. Quem seria esse agente, Lygia?

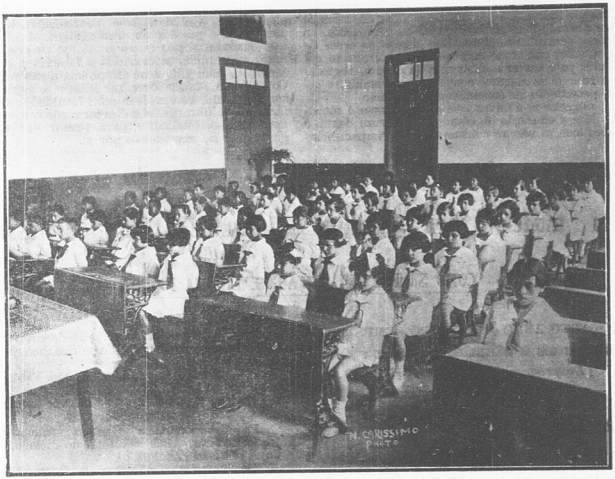
A.—As professoras.

P.—Justamente. Vamos, agora, dar outra fórma á sentença. Escreva, Alice. *(Dictando)* As professoras cobriram as mesas de flores frescas e viçosas.

P.—Qual o sujeito desta sentença?

(Signal dos alumnos)

P.—Responda, Carlos.



Grupo Escolar «Antonio Martins» (Ponte Nova) — 73 alumnos do 2º anno, dos quaes 50 foram promovidos ao 3º. — Classe da professora D. Macrina do Nascimento.

A.—As professoras.

P.—E o predicado?

A.—Cobriram as mesas de flores frescas e viçosas.

Diga-me, agora:—Quem exerceu a acção do verbo cobrir?

A.—As professoras.

P.—Então, na presente sentença, o sujeito *professoras* exerceu a acção do verbo *cobriram*, ao passo que na primeira sentença, o sujeito *mesas* recebeu a acção do verbo *foram cobertas*. Como vêm, ha casos em que o sujeito exerce a acção do verbo e ha casos em que, em vez de exercer, recebe a acção do verbo. Si eu disser, por exemplo, *Maria vendeu sua casa*, o sujeito *Maria* exerceu a acção do verbo *vendeu*, pois foi Maria quem vendeu a casa. Si, porém, eu disser, *a casa vendida por Maria*, já o sujeito *casa* não exerce e, sim, soffre a acção do verbo. Nesta sentença, *a casa foi varrida*, vemos, logo, que o sujeito *casa* não exerce, mas recebe a acção do verbo *foi varrida*. Agora, si a sentença for expressa desta fórma: *A creada varreu a casa*, o sujeito *creada* exerce a acção do verbo. Quando o sujeito exerce acção, o verbo se diz activo. *Paulo comprou um tinteiro*. O sujeito *Paulo* exerce a acção, logo o verbo *comprou* é um verbo activo. *O tinteiro foi comprado por Paulo*. O sujeito *tinteiro* soffre, recebe a acção, logo o verbo *foi comprado* é passivo. Daqui concluimos que *verbo activo é aquelle que expressa uma acção exercida pelo sujeito* e *verbo passivo é aquelle que expressa uma acção soffrida, recebida pelo sujeito*. Vou dar, agora, varias sentenças e vocês dirão si o verbo é activo ou passivo. Prestem attenção.

A roupa foi lavada com capricho.

A. A.—E' passivo.

P.—A lavandeira lavou a roupa com capricho.

A. A.—E' activo.

P.—Porque?

A. A.—Porque o sujeito exerce a acção.

P.—Meu vestido foi feito no Rio.

A. A.—E' passivo.

P.—Porque ?

A. A.—Porque o sujeito soffre a acção do verbo.

P.—Meu pae vendeu seu relogio.

A. A.—E' activo.

P.—Quando responderem, digam logo a razão pela qual o verbo é activo ou passivo. O relogio foi vendido por meu pae.

A. A.—E' passivo, porque o sujeito recebe a acção do verbo.

P. Hontem foram vendidos muitos lotes.

A. A.—E' passivo, porque o sujeito recebe a acção do verbo.

P.—Domingo serão celebradas muitas missas na matriz.

A. A.—E' passivo, porque o sujeito recebe a acção do verbo.

P.—Quando o verbo é activo, o sujeito se diz *agente* da acção do verbo; quando o verbo é passivo, o sujeito se diz *paciente* da acção do verbo. Pensem, agora, e formem sentenças empregando verbos passivos.

(Signal dos alumnos).

P.—Venha ao quadro, Lourdes, escrever a sua sentença.

A.—*(Escrevendo).* A casa foi alugada hontem.

P.—Porque razão esta sentença é de sentido passivo, Lourdes ?

A.—Porque o sujeito recebeu a acção do verbo.

P.—Venha escrever a sua, Martha.

A.—O copo foi quebrado pela cozinheira.

P.—Qual será o agente da sentença que você acaba de escrever, Lourdes ?

Não sabe ? Veja: quem quebrou o copo ?

A. A.—Cozinheira,

P.—Sim, o agente não foi o sujeito copo, porque o verbo é...

A. A.—Passivo.

P.—Venha, Antonio, escrever a sentença que formou.

A.—*(escrevendo).* Meu tio foi elogiado pelo governo.

P.—Qual é o agente dessa sentença, Antonio ?

A. A.—O governo,

P.—Sim, ainda aqui, o sujeito recebeu a acção, porque o verbo é passivo.

E o sujeito desta sentença, qual é elle ?

(Signal dos alumnos).

P.—Responda, Luiz.

A.— Meu tio.

P.—Justamente. Meu tio recebeu a acção, foi elogiado pelo governo. Analysemos, agora, a segunda sentença que destacamos do trecho dictado: Essas rosas rubras, esses lirios côr de neve foram plantados por nós no dia da festa da Primavera.

Qual o sujeito, qual o predicado dessa sentença ?

(Signal dos alumnos).

P.—Vamos, Alberto.

A.—Sujeito: Essas rosas rubras, esses lirios côr de neve; predicado: foram plantados por nós no dia da festa da Primavera.

P.—O verbo foram plantados é activo ou passivo ?

Responda, Amelia.

A.—E' passivo.

P.—Todas essas sentenças formadas por verbos passivos constituem o que chamamos em portuguez passividade ou voz passiva. Voz é a modalidade, a maneira pela qual o verbo exprime a acção. A voz pode ser activa ou passiva.

Nota. A voz refleza será explicada em outra lição.

Voz activa é aquella em que o sujeito exerce a acção do verbo. E' constituida pelos verbos activos. Voz passiva é aquella em que o sujeito recebe a acção do verbo : é constituida pelos verbos passivos.

A sentença que estamos analysando está na voz passiva, pois, como acabamos de ver, é formada por um verbo passivo. Vamos passal-a para a voz activa. Venha ao quadro, Rosa. Vejamos : quem plantou essas rosas rubras, esses lirios côr de neve ?

A.—Nós.

P.—Então forme a sentença, dando para sujeito a palavra nós.

A.—Nós plantamos essas rosas rubras, esses lirios côr de neve.

P.—Complete a phrase : no dia...

A.—Nós plantamos essas rosas rubras, esses lirios côr de neve, no dia da festa da Primavera.

P.—Escreva a sentença.

(O alumno obedece)

P.—Escreva ainda: Este canario foi comprado por meu tio.

(O alumno obedece)

P.—Passe para a fórma activa : Meu tio...

A.—Meu tio comprou este canario.

P —Escreva a sentença.

(O alumno obedece)

P.—Prestem bastante attenção : *Papae abriu a janella.*

Esta sentença é de sentido activo ou passivo ?

A. A.—E' de sentido activo.

P.—Vamos passal-a para a voz passiva ?

A. A.—*A janella foi aberta por papae.*

P.—*Esta rosa foi desfolhada pelo vento.* E' activa ou passiva esta sentença ?

A. A,—E' passiva.

P.—Vamos passal-a para a fórma activa. Quem sabe ?

(Signal dos alumnos)

P.—Diga, Eunyce.

A.—*O vento desfolhou esta rosa.*

P.—O agente da acção, quem exerce a acção do verbo, na voz passiva, chama-se adjuncto ou complemento adverbial de causa efficiente.

Assim, nesta sentença : *A janella foi aberta por papae,* a expressão *por papae* é o complemento adverbial de causa efficiente. Nesta outra : *As rosas foram colhidas pelo jardineiro,* a expressão *pelo jardineiro* é o adjuncto adverbial de causa efficiente.

Venha ao quadro, Alvaro, e escreva.

(Dictando)

Voz activa—A professora elogiou o alumno.

Voz passiva—O alumno foi elogiado pela professora.

Voz activa—O jardineiro colheu as rosas.

Voz passiva—As rosas foram colhidas pelo jardineiro.

P.—Observem que o sujeito da voz activa passa a ser complemento adverbial de causa efficiente, na voz passiva; e que o objecto directo da voz activa passa a ser o sujeito da passiva.

Dando fórma passiva á sentença: o professor elogiou o alumno, o objecto directo da voz activa, alumno, passou a ser sujeito da passiva; e o sujeito da activa, professor, tornou-se complemento adverbial de causa efficiente da voz passiva. O mesmo aconteceu na sentença: O jardineiro colheu as rosas: o objecto directo da voz activa, rosas, passou a ser sujeito da passiva e o sujeito da activa, rosas, figura como sujeito da passiva.

Venha ao quadro, Waldemar, e escreva:

(*Dictando*)

Voz activa — O menino comeu a maçã.

Voz passiva — A maçã foi comida pelo menino.

Sujeito da activa..... (O menino
Causa efficiente da passiva (Pelo menino
Objecto directo da activa (A maçã
Sujeito da passiva..... (A maçã

Temos, ainda, aqui, o sujeito da activa, menino, servindo de complemento adverbial de causa efficiente da passiva; do mesmo modo, o objecto directo da activa serve de sujeito da passiva.

Escreva, Waldemar:

(*Dictando*)

Esta arvore foi arrancada pelo vento.

Diga o sujeito desta sentença, Heloisa.

A. — Esta arvore.

P. — Diga o predicado, Ely.

A. — Foi arrancada pelo vento.

P. — Como se chama esse complemento: pelo vento?

(*Signal dos alumnos*).

P. — Diga, Raul.

A. — Complemento adverbial de causa efficiente.

P. — Passemos a sentença para a voz activa, Luiz. Como diremos?

A. — O vento arrancou esta arvore.

P. — Justamente. Qual o sujeito da voz activa?

(*Signal dos alumnos*).

P. — Responda, Conceição.

A. — O vento.

P. — De modo que o adjuncto adverbial de causa efficiente da voz passiva figura como sujeito da activa. Vejamos agora: que funcção exerce na voz activa o complemento adverbial de causa efficiente da passiva?

Diga, Aurea.

A. — E' o sujeito.

P. — Como vemos, passando a sentença da passiva para a activa, o complemento de causa efficiente passa a ser sujeito, e o sujeito da passiva passa a figurar como objecto directo da activa.

Temos, então:

(*Dictando*)

Voz passiva — Esta arvore foi arrancada pelo vento.

Voz activa — O vento arrancou esta arvore.

Sujeito da passiva..... (Esta arvore
Objecto directo da activa (Esta arvore
Causa efficiente da passiva (Pelo vento
Sujeito da activa..... (O vento

P. — Bem. Vamos analysar, agora, outras sentenças.

Venha, Maria, escrevel-as.

(*Dictando*)

Venderam-se tres passaros.

Alugou-se a casa da esquina.

P.—Estas sentenças têm fórma activa ou passiva?

(Signal dos alumnos)

P.—Responda, Ernesto.

A.A.—Têm fórma passiva, porque o sujeito recebe a acção do verbo.

P.—Sim. E esta outra:—Venderam-se flores?

A.—Tambem é passiva, porque o sujeito recebe a acção.

P.—Exactamente. E' outra fórma de passividade. Venha ao quadro, Paulo, escreva:

(Dictando)

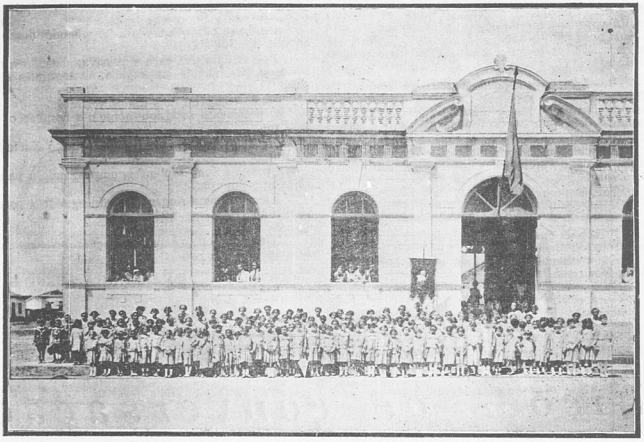
Lavou-se a casa.
A casa foi lavada.
Vendem-se livros.
Livros são vendidos.
Rasgou-se o vestido.
O vestido foi rasgado.
Alugam-se pianos.
Pianos são alugados.

Temos, nestes exemplos, a voz passiva expressa por duas formas: uma constituida pelo pronome se, exs.: Lavou-se a casa. Vendem-se livros. Rasgou-se o vestido. Alugam-se pianos, etc. Esta fórma de passividade chama-se passividade pronominal. E' exercida pelo pronome se, sempre que o sujeito não exerça e, sim, receba a acção do verbo. O pronome se, neste caso, toma o nome de particula apassivadora.

A outra fórma de passividade: a casa foi lavada; livros são vendidos, o vestido foi rasgado, pianos são alugados, etc., diz-se passividade analytica. E' formada pelos verbos ser ou estar e o participio passado de outros verbos. Comprehenderam? Vejamos:

NOTA PARA A PROFESSORA—*Ha casos em que as variações pronominaes me, te, nos e vos indicam a passividade, exs.: Eu me chrismei (eu fui chrismado) aos tres annos. Tu te baptizaste (foste baptizado) muito cedo. Eu me chamo (sou chamado) Joaquim. Vós vos educastes (foste educado) em Paris.*

A passividade analytica póde, tambem, ser expressa pelos verbos ficar, andar, ir e vir, exs.: Minha irmã ficou retida na escola. Esta rua anda varrida com cuidado. A creança vem carregada ao collo. O cégo vae guiado pelo menino.



Grupo Escolar «Pedro Leite», da Villa Paraguassú, dirigido pelo professor Alfredo Galdino Dias.

P.—No trecho dictado ha algum caso de passividade pronominal? Não sabem?! Reparem com attenção. O sujeito não exercerá a acção do verbo e na phrase haverá o pronome *se*

(Signal dos alumnos)

Responda, Eulina.

A.—Onde o nosso espirito se illustra.

P.—É isso mesmo. O sujeito, espirito, recebeu a acção, foi illustrado. E' só esse exemplo de passividade pronominal que você encontra na phrase, Eulina?

A.—Ha outro: o nosso caracter se fórma no molde das mais sublimes virtudes.

P.—Muito bem, Eulina, você comprehendeu perfeitamente. Agora, cada um de vocês vae formar uma sentença de sentido passivo, e passividade pronominal.

(*Signal dos alumnos*)

P.—Responda, Elysio.

A.—Achou-se um livro.

P.—Você, Frederico.

A.—Comprou-se dois cadernos.

P.—Attenção, Frederico, você está errando. Qual o sujeito da sua sentença?

A.—Dois cadernos.

P.—Então, como póde você formar uma sentença com o sujeito no plural e o verbo no singular?!

A.—Compraram-se. Compraram-se dois cadernos.

P.—Assim. O verbo concorda com o sujeito, como na voz activa.

Vamos, Ilva, diga a sua sentença.

A.—Construiram-se muitas casas, este anno.

P.—Diga você a sua, Lucy.

A.—Plantaram-se muitas flores no jardim da Praça.

P.—Bem. Agora vamos formar phrases de sentido passivo, e passividade analytica: foram comprados, serão vendidos, foi recompensada, etc.

(Signal dos alumnos)

P.—Responda, Martha.

A.—Meu sapato foi comprado na rua da Bahia.

P.—Você, Alvaro.

A.—Meu tio será felicitado no dia de seu anniversario.

P.—Diga, Annita.

A.—Meu irmão será baptizado amanhã.

NOTA—Convém arguir o maior numero possivel de alumnos. Traz isto grande vantagem: applicação das regras aprendidas, prova de que foram bem simuladas, e a vantagem que d'ahi advem para os exercicios de redacção e composição

P.—Está terminado o prazo para a nossa lição de hoje. Na proxima lição aprenderão uma terceira fórma de passividade, bem como outra modalidade pela qual o verbo pode exprimir a acção: a voz reflexa.

Aprenderam hoje muita cousa nova e interessante, que vão applicar nos deveres que vou passar para casa.

Tomem nota:

PARA CASA

Passar da passividade analytica para a pronominal as seguintes sentenças:

Compraram-se, este anno, muitos terrenos em Bello Horizonte.

Realizou-se, no grupo desta cidade, a festa d Bandeira.

Ouviu-se um grande ruido, quando desabou aquelle predio.

Passar da activa para a passiva, dizendo a especie de passividade empregada, as seguintes sentenças:

Maria comprou dois lindos vestidos.

O presidente assignou hontem a nomeação de meu tio.

Mauricio visitou, no Rio, o Instituto Nacional de Musica.

Escrever duas sentenças, empregando a passividade pronominal.

Escrever duas sentenças, empregando a passividade analytica.

(Do livro em preparo: —*Lições praticas da Lingua Materna*)

MARIA RITA BURNIER

Lições de conversação

Qualquer assumpto, intelligentemente aproveitado, póde fornecer material para uma boa lição.

AFFIRMA-SE sempre que o fim da composição oral é ensinar á criança a falar com naturalidade e fluencia e communicar seus pensamentos aos outros, enriquecendo, assim, sua experiencia. Com este intuito, começa-se a interromper, corrigir e reprehender, até que, como diz Klapper, «a criança mais viva e conversadeira se torna uma pessoa apagada na sociedade». Naturalmente, é preciso constante vigilancia na linguagem, mas não seria melhor interromper-se menos, e tomarem-se notas, mentalmente, dos erros mais repetidos e inventar jogos para corrigil-os em outra occasião ?

O genero de exercicio ora mais usado na vida dos adultos é a allocução. Quando se considera a conversação óca, geralmente usada nas familias ou entre amigos, chega-se a conclusão de que as crianças devem receber, na escola, lições definidas da arte de conversar. Não ha razão para não haver, pelo menos, duas ou tres lições por mez para se ensinarem as situações que se nos deparam na vida social de cada dia.

Os assumptos podem ser dados, algumas vezes, com antecedencia e outros de improviso. Não deve haver levantamento de mãos, nem interrupções ou contradicções, nem monopolio de conversação, nem mudança brusca de thema. As crianças devem apprender a fallar durante uma pausa embaraçosa e ouvir attentamente os outros. Desde que estamos instruindo futuros membros da sociedade, para quem a habilidade para contar uma historia ou uma anecdota é uma qualidade, não se deve deixar de lhes ensinar a distinguir um gracejo de uma simples vulgaridade, e o modo de contar uma historia sem deixar o ponto principal.

A seguinte lista inclue muitos assumptos e planos que podem ser usados para as lições de conversação ou para composição oral.

EXERCICIOS DE CORTEZIA

Ensinae e dae lições *praticas* de pequenas cortezias taes como : bater antes de entrar em um

quarto; pedir desculpas si chegar atrazado, como faz toda pessoa bem educada; apanhar objectos que caem; esperar, para sentar-se, que as meninas e as pessoas mais velhas o façam primeiro e esperar que passem em primeiro logar.

Ensinae um modo simples de fazer apresentações que podem ser necessarias na vida da criança, como, por exemplo, apresentar os paes á professora ou os companheiros aos paes.

LIÇÕES DE INFORMAÇÃO

1. *Partes do corpo*—Dizei tudo que sabeis sobre a cabeça—parte interna, externa, estructura physica, cabello, hygiene da cabeça (pente e escova de cada um).

2. *Tecidos*—Linho, lã, algodão, etc. (Tende uma caixa de amostras. Fazei com que a criança escolha uma das amostras, e dae tres sentenças sobre ella; ex.: «Isto é um pedaço de velludo. E' muito macio ao tacto. Os reis vestem roupas de velludo».)

3. *Alimentação*—Animal e vegetal; alimentos convenientes; preços; valor nutritivo.

4. *Mobilias*—Materiaes; preço; bom gosto.

5. *Luz*—Natural e artificial; preço; economia; precauções usadas.

6. *Som*—Altura, timbre, resonancia, echos, instrumentos musicaes.

7. *Fogo*—Accidentes do fogo e prevenção; differentes meios de accender o fogo.

8. *Tempo*—Como se mede o tempo (Usae uma carta, mostrando o quadrante, a ampulheta, e differentes especies de relogios. Escrevei no quadro negro o calendario quotidiano.)

9. *Governo*—Familia; escola; cidade; estado; paiz.

10. *Occupações*—Trabalho, habil ou inhabil; negocios; profissões; especialidades.

11. *Metaes*—Carvão; ferro; cobre; aço; pedras preciosas; minas; (chamae a attenção para a parte humana da mineração—as vidas e as casas dos mineiros, e o trabalho das crianças nas minas).

12. *Plantas*—Lavoura, jardinagem, etc.

13. *Fructas*—Domesticas e tropicaes; modo de conserval-as e fazel-as em compotas.

14. *Arvores*—Uso das mesmas e cuidados que exigem; arvores historicas; conservação das florestas.

15. *Animaes*—Domesticados, selvagens e extinctos; animaes auxiliares.

16. *Meteorologia*—Gelo, granizo, neve, vento; cartas do tempo; thermometro; barometro.

17. *Peixe*—Como alimento; variedades exquisitas e fóra do commum.

18. *Passaros*—Cuidado aos passaros domesticos; passaros canóros; aves de rapina, de caça, migradoras.

19. *Reptis*—Inoffensivos e venenosos; habitos; serpentes ensinadas.

LIÇÕES DE OBSERVAÇÃO

Quasi todo mundo acha difficuldade em descrever objectos concisamente e com exactidão, ou em dar informações sobre um logar, um jogo ou sobre o modo de fazer alguma cousa.

Por este motivo, deve-se ensinar isto na escola, porque, certamente, não ha nada mais pratico. Os seguintes exercicios suggerirão outros:

1. Descrever uma pessoa ausente.
2. Descrever, de memoria, algum quadro ou estatua.
3. Fazei as crianças observar uma outra e, depois, fechar os olhos, emquanto se faz uma mudança no vestuario da que foi observada. Quando abrirem os olhos devem descobrir qual foi a mudança feita.
4. Indicar a caixa do correio mais proxima, o corpo de bombeiros, telephone publico, correio, livraria, garage, telegrapho, etc.
5. Brinquedo — «O extrangeiro na cidade». Uma creança personifica um extrangeiro recem-chegado na estação local. Elle pede informações referentes ás lojas, hoteis, quarteirões commerciaes, automoveis de praça, ou linhas de bondes, correio, tribunal, prefeitura, theatros, etc.
6. Ensinar ás crianças a conduzir as visitas que percorrem a escola.

SUGGESTÕES GERAES

1. Dae á criança um assumpto para falar sobre elle durante dois minutos. Qualquer pausa longa é considerada uma falha. E' um excellente exercicio de ponderação, fluencia e confiança em si. Algumas vezes deve-se dar á criança alguns momentos para reflexão e outras deve-se exigir que falem de improviso.

2. Dae lições praticas para fazer rimas simples e versos. E' um exercicio valioso para o ouvido.

3. Fazei tres perguntas depois de todas as outras. Ex.:

Qual é seu nome?
Que idade tem?
Onde mora?

Nas classes mais adiantadas, augmentar a difficuldade e o numero das perguntas, usando assumpto geographico e historico.

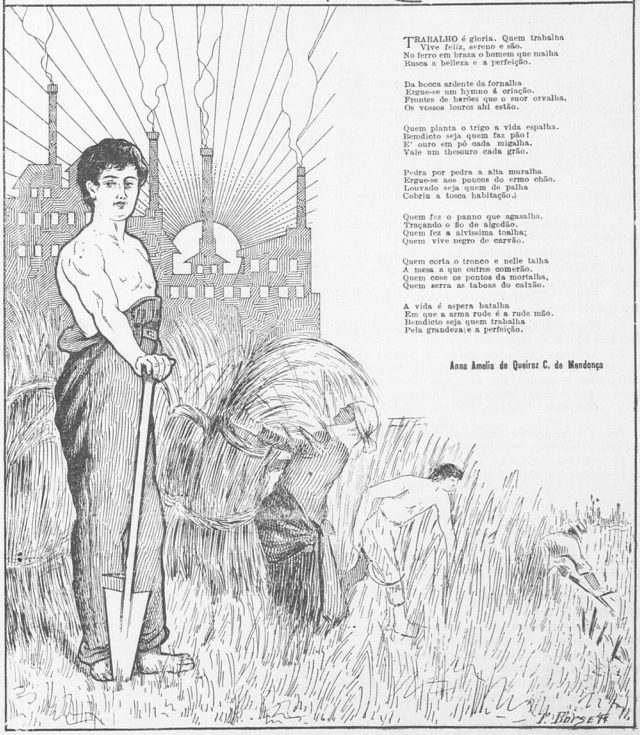
4. Fazei com que as crianças repitam listas crescentes de palavras.

5. Mandae as crianças escrever regras para as pessoas que visitam os parques, jardins publicos e theatros; e regras de conducta para os bondes e outros vehiculos publicos.

Como se vê das observações supra, qualquer assumpto póde ser aproveitado para fornecer material para as lições de conversação.

(Adaptado da revista americana «Normal Instructor and Primary Plans.»)

CANTO DO TRABALHO



TRABALHO é gloria. Quem trabalha
Vive feliz, sereno e são.
No ferro em braza o homem que malha
Busca a belleza e a perfeição.

Da bocca ardente da fornalha
Ergue-se um hymno á criação.
Frontes de heróes que o suor orvalha,
Os vossos louros ahi estão.

Quem planta o trigo a vida espalha.
Bemdicto seja quem faz pão!
E' ouro em pó cada migalha,
Vale um thesouro cada grão.

Pedra por pedra a alta muralha
Ergue-se aos poucos do ermo chão.
Louvado seja quem de palha
Cobriu a tosca habitação.!

Quem fez o panno que agasalha,
Traçando o fio de algodão,
Quem fez a alvissima toalha;
Quem vive negro de carvão.

Quem corta o tronco e nelle talha
A mesa a que outros comerão.
Quem cose os pontos da mortalha,
Quem serra as taboas do caixão.

A vida é aspera batalha
Em que a arma rude é a rude mão.
Bemdicto seja quem trabalha
Pela grandeza e a perfeição.

Anna Amelia de Queiroz C. de Mendonça

UMA PAGINA COMMOVENTE DA INCONFIDENCIA MINEIRA

Degredo e morte de Gonzaga

Por THOMAZ BRANDÃO

FOSSE esse ou não o movel a que obedeceu, não padece duvida que pouco menos de um anno depois de sua chegada a Moçambique, ajustou casamento com Juliana, como consta do seguinte termo de inquirição:

«Anno do nascimento de Nosso Senhor Jesus Christo de 1793, aos 9 dias do mez de maio, nesta capital de Moçambique, na igreja sé matriz, sendo presente o muito reverendo provisor vigario geral e juiz dos casamentos, Luiz Francisco Rodrigues, escrivão do juizo e auditorio ecclesiastico, foram inquiridos os contrahentes Thomaz Antonio Gonzaga e dona Juliana de Sousa Mascarenhas, perante o mesmo juiz, em té do que fiz este termo, eu dito escrivão que o escrevi.

Depoimento do contrahente. No dito dia, mez e era supra, appareceu o dito Thomaz Antonio Gonzaga, a quem o dito reverendo juiz fez prestar o juramento dos santos evangelhos, em que pôz a sua mão direita, para debaixo delle dizer a verdade do que soubesse e lhe fosse perguntado.

E sendo perguntado pelo seu nome, de quem era filho, terra, logares e freguezia, aonde tem residido e por quanto tempo, idade, estado e officio que tem; se tem feito voto de religião ou castidade, ou se tem algum impedimento para contrahir o matrimonio que pretende, respondeu que se chama Thomaz Antonio Gonzaga, filho legitimo do desembargador João Bernardo Gonzaga e de sua mulher D. Thomasia Isabel Gonzaga, já fallecida; natural da cidade do Porto, baptizado na freguezia de S. Pedro do reino de Portugal; que tinha de idade quarenta e oito annos; que era solteiro e nunca fôra casado; que residira na mesma cidade do Porto, na cidade da Beja, na de Lisboa, Coimbra, Villa Rica e actualmente em Moçambique, passando a existencia nas ditas cidades de mais de seis mezes; que nunca déra palavra de casamento a pessoa alguma, nem fizera voto de castidade, ou de religião, nem tinha impedimento algum para contrahir o matrimonio que pretendia com dona Juliana de Sousa Mascarenhas, a quem conhecia pela ter visto de presente, com quem queria ser casado de sua livre e espontanea vontade, e sem constrangimento de pessoa alguma, e mais não disse, e se assignou com o dito reverendo juiz, e eu dito escrivão, que o escrevi.—Sousa, Dr. Thomaz Antonio Gonzaga.

Depoimento da contrahente. No dito dia, mez, era retro appareceu a contrahente dona Juliana de Sousa Mascarenhas, que jurou aos santos evangelhos, em que pôz a sua mão direita para dizer a verdade do que soubesse.

Sendo perguntada pelos interrogatorios atrás feitos ao contrahente, respondeu que se chamava dona Juliana de Sousa Mascarenhas, filha legitma de Alexandre Roberto Mascarenhas e de sua mulher dona Anna Maria, natural da freguezia da Cabaceira Grande e nella baptizada; que tinha de idade dezenove annos; que era solteira e nunca déra palavra de casamento a pessoa alguma, nem fizera voto de castidade ou religião, e nem tinha outro impedimento algum para contrahir o matrimonio que pretendia com Thomaz Antonio Gonzaga, a quem conhecia pelo ter visto de presente, e com quem queria ser casada de sua livre e espontanea vontade, e sem constrangimento de pessoa alguma; e mais não disse e se assignou com o dito reverendo juiz, e eu dito escrivão, que o escrevi.

—Signal+de dona Juliana de Sousa Mascarenhas».

Certifico eu escrivão abaixo assignado estavam os depoimentos dos contrahentes, o doutor Thomaz Antonio Gonzaga, e dona Juliana de Sousa Mascarenhas conforme ao que elles depuzeram, de que pôrto minha fé».

Moçambique, 9 de maio de 1793.—Padre Luiz Francisco Rodrigues.

V

Como se patenteia do termo de inquirição acima transcripto, depuzeram os contrahentes uniformemente, sob juramento prestado aos santos evangelhos, que eram solteiros, *que nunca tinham dado palavra de casamento a pessoa alguma*, nem feito voto de castidade ou de religião, nem tinham impedimento algum para contrahir matrimonio um com outro.

A affirmação de Gonzaga, feita sob juramento, de *nunca haver dado palavra de casamento a pessoa alguma*, tem sido considerada por alguns escriptores como contraria á verdade. Tomados de extranheza, exclamam e perguntam: Como affirmar tal cousa!? Não estava elle prestes a casar com D. Maria Dorothéa, quando foi preso? Não era elle quem lhe havia bordado a fio de ouro o vestido destinado a cerimonia nupcial? Como negar um facto de que, em seu interrogatorio, se havia valido para sua defesa?

Estas interrogações acodem naturalmente ao espirito de quem lê com interesse o termo de inquirição, assignado por Gonzaga. Tel-o-ia, porém, assignado com inteira consciencia do que estava nelle escripto? Examinemol-o.

VI

Quem lida com negocios forenses sabe perfeitamente como correm de ordinario certos processos em que não ha partes adversas, com interesses antagonicos. Tal é, por exemplo, o processo de habilitação para casamento. O escrivão, autuados os documentos e mais papeis, lavra, conforme a especie, os termos necessarios, copiando *ipsis verbis* o formulario seguido, com differença apenas dos nomes e circumstancias do caso, e as partes os assignam em confiança sem ler, ou, quando muito, lendo-os n'um relance de olhos para se certificarem de que não foi omittida tal ou tal circumstancia de interesse especial. Isto, que se dá hoje na quasi totalidade dos casos, devia dar-se antigamente, e se dará sempre por ser cousa consentanea á natureza humana.

Tanto no depoimento de Gonzaga, como no de Juliana, lê-se o seguinte topico: — *nunca déra palavra de casamento a pessoa alguma, nem fizéra voto de castidade ou de religião, nem tinha impedimento algum para contrahir o matrimonio que pretendia*, etc. D'aqui se vê que são palavras tabelliãas as declarações constantes dos dous depoimentos.

E' de crêr, por conseguinte, que tivesse Gonzaga assignado o termo de inquirição sem o ler, ou que, se o leu ou acaso ouviu ler, deixasse passar a referida declaração por considerál-a simples formula tabelliõa, que ficaria dentro de pouco sepultada no archivo parochial, donde estava longe de prever a possibilidade de ser um dia exhumada pela posteridade curiosa.

Mas, ainda que houvesse lido ponderadamente o termo de inquirição, escapa á censura por não ser sua declaração contraria á verdade. O direito canonico, que é o que rege o casamento catholico, impede que o mesmo seja celebrado no caso de estar algum dos contrahentes ligado a outra pessoa por contracto esponsalicio valido. A inexistencia deste impedimento é declarada no formulario pela proposição: — *que nunca déra palavra de casamento a pessoa alguma*, isto é, que não está ligado a outra pessoa por contracto esponsalicio valido. E' neste sentido que se deve tomar a declaração de Gonzaga.

O simples ajuste de casamento entre duas pessoas capazes de se casarem, não constitue impedimento canonico para qualquer dellas casar com pessoa diversa, e por isso seria de todo ociosa qualquer declaração nesse sentido. Gonzaga, quando foi preso, estava justo para casar com Dorothéa; mas não lhe tinha dado palavra de casamento em contracto esponsalicio, nem a ella, nem a outra pessoa.

Não podendo desposal-a por superveniencia de embaraços irremoviveis, ficou *ipso facto* rôto e desfeito o ajuste. No processo de habilitação para seu consorcio com Juliana, nada lhe cumpria declarar com referencia a seu mallogrado casamento com Dorothéa. O que lhe cumpria declarar, como declarou sob juramento, é que não tinha sua palavra compromettida com pessoa alguma em contracto esponsalicio. Foi justamente o que fez por palavras differentes, não só elle, mas tambem Juliana.

VII

Censura-se tambem a Gonzaga o ter se esquecido tão depressa da formosa mineira, para se unir matrimonialmente a uma mulher de côr e sem instrucção. Nada prova que Juliana Mascarenhas era pessoa de côr. Acredita-se que o era, sómente porque nasceu em Cabaceira Grande, parochia de Moçambique e assim se vae repetindo, sem maior exame. Cabaceira Grande, sita no continente e proxima á pequena ilha de Moçambique, prima por ser um dos logares mais ferteis da região. Seus campos eram então e ainda são hoje muito bem cultivados. Constituia o centro principal da colonia portugueza, que alli se estabeleceu desde 1505, e era, por sua uberdade e agradavel aspecto, a residencia predilecta dos proprietarios e agricultores mais abastados.

É de presumir que Alexandre Mascarenhas, indo de Portugal para Moçambique, levado talvez pela ambição de enriquecer, se estabelecesse alli e constituisse familia, casando com mulher branca africana, se é que não chegou já casado. O sobrenome de *Souza Mascarenhas* é appellido de familia portugueza do tempo em que viveu. Henrique Leitão de Souza Mascarenhas, escriptor portuguez, que em 1786, traduziu uma obra de Collet, intitulada *Tratado das obrigações das pessoas do mundo*, e mais tarde o *Robinson Crusoé*, foi contemporaneo de Alexandre Mascarenhas. Não seria seu parente?

Cumpre ainda observar que entre os governadores de Moçambique nos seculos decimo septimo e decimo oitavo figuraram varios fidalgos com o sobrenome de *Mascarenhas*.

Não é, pois, desacerto considerar Alexandre Mascarenhas e sua mulher procedentes de sangue portuguez sem mescla.

VIII

Quem lê commovido as lyras de Gonzaga, não póde acreditar que elle esquecesse Dorothéa, possuido de paixão por Juliana. O ajuste de casamento com esta, se não foi um acto symptomatico de incipiente alienação mental, foi evidente demonstração de desalento moral. Pobre, valetudinario, desesperançado e desilludido de tudo, via-se só e desamparado nas agruras do desterro Quem o consolaria no mais angustioso transe de sua desventura? Moça, vigorosa, abastada, compassiva, Juliana o attrahia, não como substituta ou rival de Dorothéa, que continuava soberana unica em seu coração, mas como personificação da caridade que lhe acenava, afastando-o das bordas do abysmo que ameaça vae tragal-o,

IX

Ter-se-ia realizado o casamento de Gonzaga com Juliana? Parece que não. O termo de inquirição precedentemente transcripto, só diz respeito ao ajuste do mesmo. A prova irretorquivel de sua realização seria o traslado do respectivo assento parochial. Este é o que com certeza foi procurado pelo pesquisador. Não o tendo encontrado, contentou-se de trasladar o sobredito termo de inquirição.

Não ha consequentemente prova authentica do casamento de Gonzaga. Talvez não chegasse a ser celebrado por ter sobrevindo algum motivo impediente. Qual seria? E' difficil de responder. A ultima phase da existencia de Gonzaga, a transcorrida no degredo, durante a qual seu soffrimento culminou até despenhal-o na loucura, é toda cheia de incertezas e conjecturas. Não se sabe ao certo nem sequer a data de seu fallecimento.

X

Casado ou solteiro, Gonzaga não viveu e sim vegetou no exilio cêrca de dezeseis annos, sem nunca esquecer Marilia, cujo nome é de crer repetisse comsigo a todo momento, como Orpheu, errante pelos montes da Thracia, repetia constantemente o de Eurydice, sua ternissima esposa, de cuja morte não podia consolar-se. A principio, diz a tradição, se mostrava continuadamente abatido, tristonho, pensativo, mas sem nenhuma perturbação do juizo. Mais tarde foi se tornando pouco e pouco indifferente a tudo, até que, quasi abandonado da razão, ficava ora estatico e taciturno, como que a contemplar uma visão aérea, talvez a imagem de Marilia; ora agitado, a rosnar phrases inintelligiveis, talvez estrophes truncadas de suas lyras.

Pobre Dirceu! Saudade de Marilia o enlouquecera, saudade de Marilia o fez morrer. Assim vaticinou, assim aconteceu. *Marilia* foi porventura o ultimo nome balbuciado por seus labios moribundos! *Marilia* foi quem sabe a derradeira imagem que se apagou em suas retinas amortecidas. Elle cantára:

Contente morrerei por ser Marilia
Quem, sentida chorando,
Meus baços olhos cerra.

Essa extrema consolação não lh'a permittiu seu fero destino. Longe, immensamente longe, Marilia, tranquilla em seu retiro de Itaverava, onde se exilára, não pôde recolher-lhe o derradeiro suspiro, enxugar-lhe a ultima lagrima.

(Capitulo XI 'de *Marilia & Dirceu*, obra inedita).

Corr genda: — Na primeira parte publicada precedentemente, leia-se: no § I, *consciencia* e não *inconsciencia*; no § III, *ninguem lhe daria* e não *ninguem lhe trazia*; no § IV, *imaginava demorar* e não *imagina demorar*. Outros erros ha sem importancia.

O trabalho intelligente do mestre

O bom professor deve seleccionar, entre as tendencias da alma infantil, a inclinação mais accentuada, e assim educal-a, orientando-lhe a profissão a seguir

MARIA LUISA DE ALMEIDA CUNHA

"Pourqu'une éducation soit jugée bonne, il faut non seulement qu'elle augmente le rendement d'un individu particulier, mais qu'elle fasse profiter la collectivité de cette augmentation."
— BINET.

ESTE conceito do incansavel pesquizador da psychologia infantil, que foi Alfredo Binet, bem exprime o desejo, que se vae accentuando em nossos dias, de encarar a finalidade do ensino primario com precisão, trazendo o problema pedagogico para um terreno mais firme do que o das méras considerações abstractas, da pura phraseologia.

Já se foi o tempo em que a criança era uma quantidade desprezivel... e o professor, sem mesmo distinguir as unidades de seu rebanho, despejava prelecções sobre uma classe inteira sem attender á receptividade dos discipulos, sem se adaptar á capacidade dos ouvintes!

A pedagogia moderna tem como preliminar o estudo da psychologia individual.

Determinar, seleccionar entre as multiplas tendencias da alma infantil a capacidade dominante, para de accordo com esta educal-a, orientando-lhe mais tarde a profissão: eis uma das grandes tarefas da Escola.

Os Estados Unidos, que já bem comprehenderam o valor social do grande principio de biologia da especialização do trabalho physiologico, mantêm,

desde 1909, em Boston, um "Bureau of Vocational Guidance", destinado a fornecer aos jovens esclarecimentos sobre a escolha da propria carreira.

Quantos typos de profissionaes *rátés* que parasitam, que perturbam a collectividade, não serão por este modo transformados em utilissimos coefficientes sociaes. Basta-nos ler o cyclo dos romances de Daudet em que se estuda a curiosa psychologia de taes typos para comprehendermos como se tornam elles os algozes inconscientes da propria familia!

E' bem sabido, entretanto, que exaggerando uma idéa justa chegaremos a falseal-a.

O ensino não póde ser, consoante o desejo extremado de alguns pedagogos, ministrado em escolas arranjadas como "sob medida" para cada individuo. Subordinados a tal utopia nada conseguiriamos porque o ensino publico só póde ser collectivo. E tem nestas condições vantagens innegaveis. Sem ellas não existiria o espirito salutar de emulação e solidariedade, agentes tão poderosos do progresso.

Encarecendo por esta maneira o valor do conhecimento individual de cada alumno estou a ver abanarem a cabeça muitas e muitas das nossas professoras numa expressão desconsolada, e comprehendo-lhes a objecção.

Isto seria possivel si não houvesse sempre o "*rabo da classe*"... e cada uma evoca certamente os diabretes que lhe passam pelas mãos sem aproveitar do ensino, das repetições, dos chamados reiterados e que são invariavelmente os ultimos, olhando para tudo com o mais completo alheiamento...

Entretanto, são essas crianças, talvez, as de psychologia mais curiosa. E' preciso examinal-as e perscrutar o motivo d'essa apparente inferioridade: si falta de intelligencia; de caracter; de saúde; si defeitos constitucionaes: surdez, myopia, etc.; si defeitos de educação facilmente removiveis.

Um livrinho interessante de J. Philippe e P. Boncour sobre as "Anomalias mentaes dos escolares" traz preciosos esclarecimentos para este importante problema. Deixando de parte o caso de escolares epilepticos ou hystericos, e os casos francamente teratologicos antes do dominio da psychiatria, consideremos dois typos de escolares communissimos em nosso meio e que entravam francamente o progresso da massa normal.

São os tardonhos e os irrequietos.

Estes typos não offerecem estigmas pronunciados de degeneriscencia e em consequencia permanecem longamente insuspeitos de debito mental. A familia naturalmente não lhes percebe a inercia psychica e, mesmo, entre os extranhos só a poderão perceber pessoas iniciadas na interpretação de certos signaes bem conhecidos do pediatra e do alienista; em regra o atrazo só se revela quando se torna opportuno estabelecer parallelo do paciente com outras crianças de mentalidade normal.

A resultante d'esse facto é que á professora se increpa muitas vezes de descuidosa no manejo d'aquellas jovens intelligencias.

A incapacidade de espirito, a lentidão do raciocinio dependem nos tardonhos effectivamente da debilidade mental. Na vida usual, no contacto diario muitas vezes dão illusão de intelligencia afinada: é que a ignorancia lhes tira o medo de se equivocarem e assim expõem sem peias o pouco que conserem e assim expõem sem peias o pouco que conserem e assim apprehender. Falta-lhes a timidez, a inhibição tão commum nos verdadeiros intellectuaes. Nos estudos e na vida profissional no entretanto a insufficiencia patenteia-se fatalmente com o correr dos tempos. O embotamento das sensações deixa-lhes o cerebro em tal inercia que basta para explicar a incapacidade dos estimulos sufficientes aos normaes.

A estes typos melhormente se applicarão as instigações excitantes e reiteradas que sabe dar o methodo Montessori. Applicadas em tempo facilmente conduzirão, taes crianças bem proximo do paradigma normal si definitivamente não os nivelam aos demais.

Os escolares irrequietos são as crianças que não podem fixar a attenção para excutar, raciocinar, comprehender...

Ganham logo na escola o qualificativo trivial de indisciplinados. A expressão popular que os designa é eloquente, dizem d'elles que *teem vivacidade de rato*. Para elles toda a direcção é insupportavel, porque não conseguem obedecer. A motilidade physica é exhuberante. Nunca estão quietos. Levantam-se a todo o momento e querem, a cada instante, mudar de occupação. São activos mas superficiaes e não se pode contar com a attencão d'estes escolares. São impulsivos, irritaveis, colericos, desconfiados, caprichosos. Os paes de taes pequenos contentam-se em reconhecer que são nervosos...

A applicação intelligente dos tests mentaes facilita grandemente a distinção d'esses sub-normaes.

Guiados com cuidado especial, quiça reunidos em classe homogenea, o que é sempre possivel nos grupos numerosamente frequentados, são rigorosamente susceptiveis de attingir a bitola normal, salvando-se dest'arte do atrazo mental uma grande parcella da população escolar.

A nossa esclarecida administração não tardará por certo em admittir que cada grupo, pelo menos os mais numerosos, tenham uma *Classe auxiliar* para os que lhe estão a exigir essa carinhosa attenção.

Desde 1867 preoccupam-se os allemães d'esse problema abrindo em Dresde a *classe dos retardados*. Hoje, affirma Claparède, não ha cidade allemã em que se não encontre ou uma verdadeira *Hilfschule* (isto é, uma escola completa para anomalos mentaes, como se encontra por exemplo em Frankfort sobre o Meno) ou pelo menos *Hilfsklassen*, ou sejam classes especiaes annexadas ás escolas regulares.

Occorreria ainda, com a creação de taes classes, a vantagem de se corrigir em parte o inconveniente das turmas numerosas de 40 e até 60 alumnos em que é totalmente impossivel á professora um conhecimento individualizado dos seus dirigidos.

O espirito renovador nas escolas modernas deve resultar da approximação de professores e alumnos. E' claro que numa turma de 60 meninos a professora não terá tempo de observar cada crian-

ça de per si — e perderá com isto o gosto de lhes penetrar a psychologia.

Facilitado o trabalho pela criação das *Classes Auxiliares*, para os que necessitam de cuidados especiaes, o ensino nas turmas normaes seria por certo muito mais efficiente. Quantas crianças não perdem o estimulo de progredir obrigadas a marcar passo, porquanto a professora é automaticamente forçada a regular a marcha da classe pelos mais atrazados.

Lembra-me bem ter ouvido, certa occasião, a uma criança de 8 para 9 annos a affirmativa de que não voltaria á Escola *porque já sabia tudo o que a professora ensinou.* Forçada a continuar a frequencia perdeu nitidamente o estimulo que a collocava entre as primeiras, tornando-se alumna mediocre e passando o tempo de classe a distrahir as vizinhas, com enorme damno para a disciplina geral.

A celeuma que possa surgir d'esta selecção não deve de modo algum desanimar os nossos pedagogos.

Certamente se afigurará aos paes uma diminuição para os filhos a sua collocação em classes auxiliares. A' habilidade da Directora não será difficil occorrer o argumento que melhor calhe. Por exemplo: a conveniencia de se entregar o alumno a uma professora especializada, e não haverá nisso menos exactidão porquanto ás melhores professoras, ás mais treinadas, mais argutas e mais dedicadas ha de competir a tarefa difficil de taes classes onde cada alumno precisa de um estimulo graduado em especie, e em intensidade.

A associação das mães de familia póde e deve prestar o seu concurso á Escola para que se modelem mais perfeitas as gerações vindouras.

O congraçamento sincero entre os chefes do lar e os que dirigem a Escola é norma essencial para que a resultante das forças que solicitam a intelligencia infantil façam uma linha unica recta e bem orientada.

Bello Horizonte, Janeiro de 1926.

O FOLK-LORE NAS ESCOLAS

Não faças o bem sem saber a quem

(FABULA INDIANA)

A raposa achava-se um dia a espairecer pela floresta, quando lhe chegaram aos ouvidos uns roncos extranhos: *Ui! ui! ui!*

—Que será aquillo? disse de si para si. Eu vou ver...

Indo verificar o que era, viu que quem assim tão lastimosamente gemia era uma onça que se estorcia dentro de uma lapa, sem achar meio de escapar-se devido á impossibilidade de remover, sosinha, uma enorme pedra que lhe impedia a passagem.

A onça, mal avistou a raposa, foi-lhe dizendo em tom supplicante:

—Eu fui gerada dentro deste buraco; cresci e agora não posso sahir. Ajuda-me a retirar esta pedra.

A raposa promptamente se prestou a fazer o que a onça lhe pedira e, retirada a pedra, esta sahiu do buraco.

A raposa, vendo-a fóra, já livre, perguntou-lhe:

—Que me pagas agora, pelo serviço que te prestei?

A onça, que estava com fome, respondeu: Agora eu vou te comer. E agarrando a raposa, perguntou-lhe:

—Com o que é que se paga um bem?

Ao que, retrucou a raposa:

—Sempre ouvi dizer que o bem se paga com bem. E accrescentou:

Alli perto ha um homem que sabe todas as cousas. Vamos até lá e submettamos a elle a questão.

Caminharam então em direcção a uma ilha proxima e lá chegadas a raposa contou ao homem que havia tirado a onça de um buraco e que esta, como paga, a queria comer.

Eu a quero comer, disse a onça, porque o bem se paga com o mal.

E o homem disse: Está bem! Vamos ver a tal cova. E lá seguiram os tres. Chegados á beira da cova, o homem disse á onça:

—Entre, que eu quero ver como você estava.

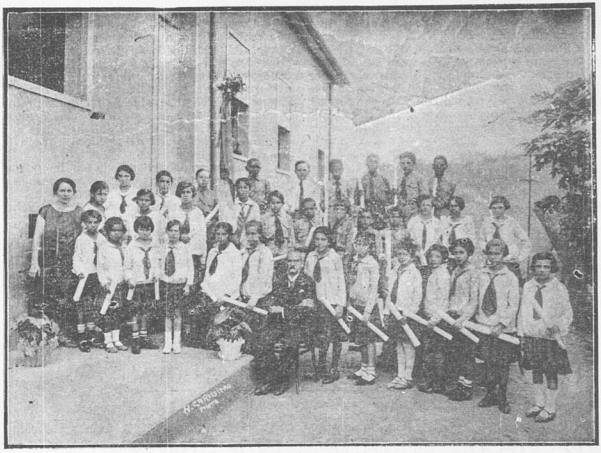
A onça entrou.

O homem, então, ajudado pela raposa, rolou a pedra e a onça não poude mais sahir.

E o homem então disse á onça:

Agora você fica sabendo que o bem se paga com o bem.

E retirou-se com a raposa, e a onça lá ficou dentro da cova.



Ponte Nova — Grupo Escolar «Antonio Martins».— 34 alumnos diplomados em 1925.
Professora, D. Beatriz Garavini; Director; Mario Fontoura.

A RAPOSA E A ONÇA

A onça desanimada já de apanhar a geito a raposa, que, agil e manhosa, conseguia escapar sempre ás suas ciladas, disse um dia: — Vou fingir-me de morta. Com certeza, ao saber que morri, a bicharada virá logo aqui verificar si é certo. Entre os bichos estará certamente a raposa e terei assim uma boa occasião de pegal-a e comel-a.

De facto, mal correu a noticia de que a onça esticara a canella, estabeleceu-se grande romaria de bichos para a cova da féra.

Alguns que, mais affoitos, penetraram no antro da megéra, sahiram de lá a bradar: A onça morreu mesmo! Graças sejam dadas a Tupã que já podemos de hoje em diante vagar livremente pela floresta sem receio de sermos por ella devorados.

A raposa, porém, bicho esperto, que sabia que seguro morreu de velho e que já andava de ha muito resabiada com a onça, deixou-se, por causa das duvidas, ficar do lado de fóra. Não entrou na cova da inimiga, limitando-se, ao vel-a, a perguntar aos outros bichos:

—A onça já arrotou?

—Não! responderam elles num côro unisono.

A raposa disse então:

—Pois o defunto meu avô quando morreu arrotou tres vezes.

A onça, que isto ouviu, arrotou tres vezes.

A raposa ouviu, riu-se e disse:

—Onde é que já se viu defunto arrotar?

E, dizendo isto, deu ás de villa Diogo e a onça até hoje não poude ainda agarrar a raposa.

É assim mais uma vez confirmou ella a fama de ladina de que em justiça desfructa entre a bicharada.

FOLK

NOTA — Si pudessemos nutrir ainda alguma duvida sobre o gráu de intelligencia e o poder de imaginação do nosso indio, estas lendas viriam dissipal-as por completo. O fabulario indigena é riquissimo e variado, sendo de lastimar que não tenha sido ainda tratado pelos nossos folkloristas com o cuidado e o carinho que merece. Couto Magalhães, que conviveu por longo tempo com as tribus do Araguaya, estudando-lhes pacientemente o idioma e os costumes, diz que as suas lendas, que visam sempre ora um fim moral, ora um fim pratico, soffreram, sem desmerecer, a confrontação com as fabulas de Esopo, Phedro ou La Fontaine.

UMA PARELHA

Por BELMIRO

CONHECI uma burra gorda, branca,
Elegante deveras,
Contando ainda poucas primaveras,
Mas, por desgraça, cabra cega e manca.

Burro que a visse de longe, era fatal
Paixão immediata
E tenção de pedir-lhe a nivea pata
A' digna autoridade paternal.

Ella, porém, fugia — que era esperta,
De muito boa fé
E bem sabia que observada ao pé
Seria rejeitada pela certa.

Até que um dia um zurro atroador
Soou pela quebrada
E a jumenta escutou, toda enlevada,
Esta gentil declaração de amor;

— «Amo-te mesmo de olho rameloso
E perna a coxear;
Vem dar perfume á sombra do meu lar,
Aqui me tens, menina, para esposo!

Ella caiu — e quem não cahiria
Perante esta eloquencia?
O peor foi o resto, a consequencia
Da sua leviana fantasia.

Só depois do casorio reparou
Que o companheiro ardente
Na boca já não tinha nem um dente
E era mais velho do que o meu avô».

Tinha o corpo chagado; do pescoço
Não lhe pendia um pêlo;
O dorso era recurvo de camello,
E, quanto a fórmas, era a pele e o osso!

Pensae bem neste caso, oh! racionaes
Perfeitos e imperfeitos:
Quem não olha nos outros os defeitos
E' porque tem os mesmos ou tem mais...

PARA FAZER A RAÇA FORTE E ENERGICA

METHODOS DE EDUCAÇÃO PHYSICA

CONTINUAMOS a publicar uma série de marchas que, com grande proveito, poderão ser executadas pelos alumnos de nossas escolas primarias, quando iniciadas as aulas de gymnastica, disciplina tão bem traduzida no tão citado aphorismo «Mens sana in corpore sano».

A importancia da gymnastica já é assumpto sobre o qual não pairam duvidas, sendo essa disciplina praticada com intensidade nos paizes adeantados da Europa, assim como nos Estados Unidos da America do Norte. Imitemos-lhes, pois, o exemplo, para que um dia possamos competir com os povos mais civilizados.

Para execução das marchas que se seguem convem seja observada a mesma orientação lembrada em o numero passado.

MARCHA EM CARACOL

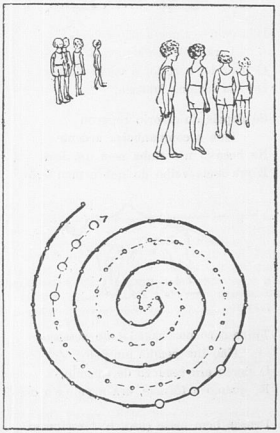


Fig. 1

Os alumnos põem-se em marcha ordinaria. Ao commando: *Marcha em caracol!*—o guia, seguido de seus companheiros, executará a marcha circular, procurando, ao mesmo tempo que descreve uma curva em espiral, approximar-se do centro, tendo o cuidado de manter sempre intervallos lateraes, que sejam sufficientes para a contra-marcha, que terão de executar depois. Chegado ao centro, ao commando: *Contra-marcha!*, o guia, sempre seguido de seus companheiros, marchará em sentido contrario, até que tenha desfeito a espiral. (Fig. 1)

NOTA—E' de grande effeito e utilidade executar esta marcha com canticos, intercaladas as estrophes com assobios.

AZAS DE MOINHO

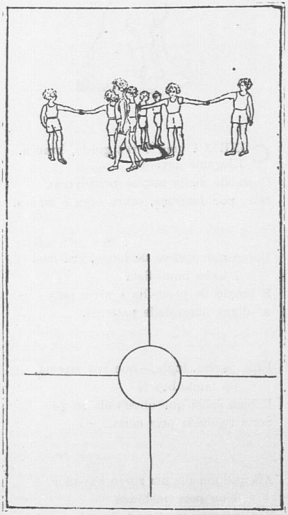


Fig. 2

Na marcha, «Azas de Moinho», poderão tomar parte 40 alumnos, por exemplo, que serão numerados até 10. Formam-se, pois, 4 grupos, correspondente cada um a cada eixo.

Ao commando: *Accelerado !*, todos marcham acceleradamente, observando o seguinte: cada alumno numero 1, seguido dos 9 de sua columna, deverá dirigir-se ao ponto inicial de seu eixo, na circumferencia previamente traçada no solo, marcando passo até ao commando: *Alto !* Ahi, executarão: *Direita... volver ! Para a marcha! Preparar !* —Os alumnos de numero 1 dão as mãos ao centro, emquanto que os outros fazem o mesmo ou collocam as mãos nos quadris ou hombros dos companheiros.

Ordinario ! Marche ! — Todas as columnas põem-se em marcha, procurando conservar entre si egual distancia. Podem marchar: em marcha ordinaria; nas pontas dos pés; com elevação dos joelhos, etc.

Para terminar, ao commando; *A seus logares ! Accelerado !*, todos, em marcha accelerada, dirigem-se aos logares de onde partiram, formando, então, de novo, a fileira. (Fig. 2.)

Executados que sejam os exercicios de «marcha», seguir-se-ão os exercicios suecos, convindo observar:

—Os alumnos, formados em fileiras, numeram-se até 4, constituindo, assim, varios grupos. Ao commando: *Dois formar !*, os alumnos pares se collocarão rapidamente, ao lado direito do collega que estiver á sua frente, isto é, o numero 2 ficará ao lado do numero 1, emquanto que o n. 4 ao lado do n. 3 de seu grupo. (Fig. 3.)

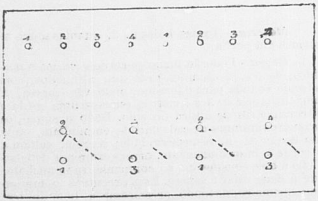


Fig. 3

Uma vez formados a 2, ao commando: *Quatro formar !*, os alumnos 3 e 4 se collocarão rapidamente, aos lados de seus collegas 1 e 2, um para cada lado. Assim, o n. 3 ficará ao lado do n. 1, e o 4 ao lado do n. 2. (Fig. 4.)

Nota—Si os alumnos estiverem em marcha, não alterarão o passo.

—Formados a 4, haverá, então, 4 columnas, um guia (o primeiro) para cada uma.

Ao commando: *Marcha ordinaria !*, cada guia, seguido de seus companheiros, marchando, formará sua columna. Haverá, pois, 4 columnas, distanciadas

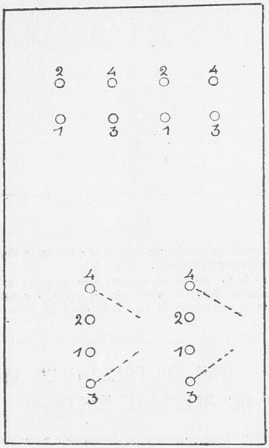


Fig. 4

1,m80 a 2ms umas das outras. Todos marcam passo até ao commando: *Alto !*

Seguir-se-ão os commandos que devem ser executados: *Esquerda... volver ! Abrir distancias !* A esse commando, os guias ficarão em seus logares, emquanto que os demais darão passos lateraes, até que tenham os braços bem distendidos.

Direita... volver ! Em posição !

Os alumnos tomarão a posição prima, que é a chave da execução de todos os movimentos. Esta posição consiste no seguinte: a *cabeça* erguida sem constrangimento; o *olhar* dirigido em linha recta, para a frente; o *corpo* aprumado; os *braços* pendidos ao longo do corpo, naturalmente, com as palmas das mãos voltadas um pouco para deante; o *peito* dilatado, sem esforço visivel; o *ventre* re-

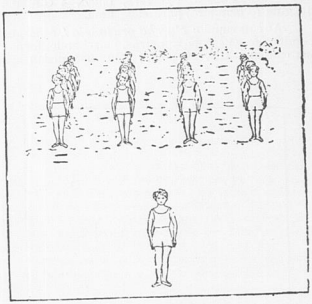


Fig. 5

trahido; os *calcanhares* unidos, e *as pontas dos pés* naturalmente apartadas. (Fig. 5.)

O facto unico de manter esta posição exerce um salutar effeito de correcção no porte, e constitue de per si um exercicio racional, deveras util.

PARA DAR UM FREMITO DE VIDA AO AMBIENTE ESCOLAR

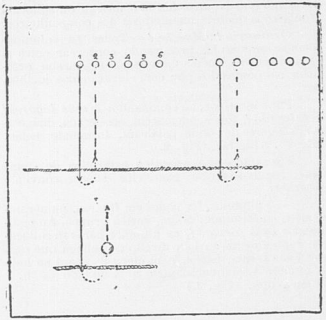
DAMOS hoje a orientação de um jogo gymnastico, «Corrida, Salto e Arremesso», no qual a criança, ao mesmo tempo que alegra o espirito, executa tres dos exercicios naturaes—a carreira, o salto e o arremesso.

A *carreira* é um dos exercicios mais importantes da gymnastica, pois, por si só, constitue um exercicio completo e contribue, naturalmente, para desenvolver as aptidões viris, o que importa fazer adquirir á mocidade. Durante a corrida, o corpo deve permanecer ligeiramente inclinado para frente; os cotovellos devem ficar em meia-flexão e desembaraçados; os braços oscillarão naturalmente. Deve ser observada a respiração dos alumnos—aspirações nasaes e expirações pela bocca.

Os *saltos* merecem attenção especial, devendo, o alumno reconhecer, com um rapido olhar, o obstaculo, assim como o terreno aquem e além delle. Durante o salto, a respiração deve ser suspensa e o ar será expellido no momento em que o alumno descahir para o solo.

O *arremesso* será rapido, feito com ambos os braços.

O JOGO



Material—Tantas bolas n. 3, quantas sejam as turmas em porfia.

Regra—Poderão tomar parte dois ou mais partidos, de 6 a 12 alumnos cada um, alinhados, com a frente voltada para o terreno, onde vão correr. A uma distancia de 5 a 7 metros, estica-se uma corda a 80 centimetros de altura do solo. Dado o signal, os primeiros alumnos de cada partida empunham, cada um de per si, a respectiva bola; correm, saltam a a corda e, immediatamente, arremessam por debaixo d'ella a bola com destino ao companheiro immediato, que já deve estar á espera. Este executará o mesmo que o primeiro, devendo arremessar a bola ao terceiro. E assim se continuará.

O partido que, em primeiro logar, terminar o trabalho de todos os seus jogadores marcará 1 ponto. A partida é feita em 3 pontos.

METHODO PRATICO DE ENSINAR

O ensino, nos Estados Unidos, é essencialmente pratico, e fazem-se, nas aulas, pequenas experiencias que divertem os alumnos, prendendo-lhes a attenção e, ao mesmo tempo, gravando o ensinamento em seus espiritos.

Damos aqui um exemplo de uma dessas aulas.

A professora vae falar sobre a terra, «o mais importante presente da natureza», e começa dizendo aos alumnos: «Toda a riqueza do mundo, todo o conforto de que gosamos, e até mesmo os nossos corpos, vêm, em primeiro logar, do sólo». Depois, faz as seguintes perguntas:

«Onde mora? Que foi que lhe deu força para vir aqui? Quem lhe deu o alimento? Onde foi que seus paes o obtiveram? De onde vêm os animaes e as plantas, etc.?», até que desenvolva a seguinte idéa: «Nossos corpos são producto do alimento, o alimento é fornecido pelos animaes e pelas plantas, — as plantas vêm da terra,—tudo vem da terra. De onde vem esta carteira? Suas roupas? Este livro? Este predio? A manteiga que come com o pão? O assucar? Quaes são as duas cousas que usamos e que não vêm directamente da terra? Ar e agua.

Quaes são as tres cousas sem as quaes não podemos passar? Ar, agua e terra.

A terra é, pois, a riqueza do mundo. O ouro, a prata, ou as pedras preciosas não nos podem conservar a vida. Desde que a terra é nossa riqueza principal, quero saber o que conhecem a respeito della. De que é feita a terra? Vejamos si podem descobrir.

A professora arranja, no pateo, um pedaço de terra. Põe-n'a em uma vasilha de vidro cheia d'agua e agita-a. Faz os alumnos observar. A agua torna-se logo lamacenta; numerosas partículas de substancia escura elevam-se á superficie. Esta materia vegetal, quando está completamente misturada com a terra, chama-se *«humus»*.

A terra contém outras duas cousas além de *«humus»*, as quaes são pesadas e faceis de descobrir: areia e argilla.

Este pequeno exemplo mostra o methodo pratico de ensinar, nos Estados Unidos, e muitos delles poderiam ser adoptados pelas nossas professoras.

O ENSINO DA ORTHOGRAPHIA USUAL

Sob a epigraphe acima, publicou P. Barbier no n. 26, de 1925, do «Manuel Général de l'Instruction Primaire» interessante artigo, de que a seguir damos um resumo.

QUASI todos os exercicios escolares, mas sobretudo as lições de cousas, devo cabularío e de leitura, se prestam admiravelmente ao aperfeiçoamento da orthographia usual. Importa, entretanto, tendo-se em vista a nitidez e a fixação dos conhecimentos respectivos, não confundir os ensinos: não é durante uma lição de cousas, de vocabularío ou de leitura, que a attenção da creança será solicitada para a orthographia da palavra encontrada, e sim depois da lição. A palavra escolhida será escripta no quadro negro, destacando-se-lhe nitidamente o elemento interessante, que será sublinhado, capitalizado ou escripto com giz colorido; a attenção da creança será attrahida, por assim dizer typographicamente pelas particularidades orthographicas da palavra a qual depois poderá ser transcripta, com as mesmas disposições typographicas, no *caderno de orthographia.*

O dictado, que constitue o exercicio insubstituivel para fixar correctamente a orthographia, merece um cuidado especial. O melhor preparo para este exercicio consiste em escrever no quadro negro, com alguns dias de antecedencia, as palavras ainda desconhecidas, sublinhando sempre as particularidades orthographicas, e deixal-as assim durante varios dias á observação dos alumnos. Antes do dictado, o professor deverá chamar a attenção dos alumnos para as particularidades das palavras desconhecidas, as quaes deverão ser soletradas, copiadas na ardosia, depois apagadas, e emfim transcriptas no caderno de orthographia.

E' claro que dos alumnos mais adiantados se poderá exigir certa actividade de espirito: a respeito de um trecho de dictado, elles destacarão e transcreverão em seu caderno de orthographia as palavras novas, as observações sobre formação do feminino, do plural e dos derivados, o estudo das familias de palavras, o grupo dos vocabulos que apresentam as mesmas particularidades orthographicas, o estudo systematico das differentes maneiras de representar os mesmos sons; todos esses exercicios, que põem em jogo a actividade intellectual da creança, facilitarão grandemente a acquisição da orthographia usual. E' de toda a conveniencia fazer revisões frequentes dos vocabulos inscriptos no caderno de dictado, bem como proceder com methodo, só abordando o estudo de uma serie de palavras quando a *serie contraria* estiver bem sabida.

As leis de memorização mandam abolir definitivamente a correcção mutua do dictado, methodo ainda em uso apezar de condemnavel por tantos motivos: o alumno, de accordo com suas sympathias, póde ser mais severo ou mais indulgente com determinados collegas; póde ficar distrahido pela enumeração dos erros que o visinho descobre em seu exercicio; mas, sobretudo, si elle escreveu mal certas palavras, é por estas que elle terá interesse em corrigir as do seu collega.

Muitas vezes sublinha-se ou faz-se sublinhar uma palavra mal escripta: isto é chamar a attenção sobre a má graphia. O que convém fazer nestes casos é occultar o erro á creança; de qualquer modo é indispensavel não evidenciar a palavra mal escripta. E' tambem de mau resultado corrigir o erro na propria palavra, intercalando-lhe a letra que falta ou riscando a que sobra; porque desse modo não se restitue a physionomia exacta da palavra, e a sua imagem visual fica erronea ou imprecisa. E' necessario esforçar-se para formar uma memoria visual exacta da palavra, quer prendendo a outras palavras da mesma familia a que deu logar ao erro, quer fixando typographicamente a attenção da creança, sobre as particularidades orthographicas que ella apresenta, e recopial-a algumas vezes á margem do caderno, afim de reforçar a sua imagem correcta.

E' inutil dizer que si o professor deve esforçar-se para impedir as graphias viciosas, precisa ter todo o cuidado ao dictar resumos de lições: o perigo nestes casos é grande, porque a creança terá que reler varias vezes estes trechos.

Nunca é demais protestar contra o conselho muitas vezes dado: em caso de hesitação entre duas graphias, escrever ambas e escolher a que que for mais familiar. Assim procedendo, a creança fixa a boa e má graphia, e, em materia de orthographia, convém evitar que a vista fixe o erro.

Avisos que devem ser conhecidos de todos os funccionarios do ensino

A "REVISTA DO ENSINO" NAS ESCOLAS E NOS GRUPOS

A Secretaria do Interior está publicando a Revista do Ensino pelo empenho, em que se acha, de que os funccionarios da Instrucção estejam sempre ao corrente das modernas idéas sobre pedagogia e das conquistas que a cada momento vão alcançando os processos do ensino.

Sendo, pois, um trabalho de leitura necessaria e vantajosa para o todo o professorado do Estado, e, contendo sempre os avisos da administração a respeito do ensino e seu melhoramento, a Secretaria recommenda aos directores de grupos e a todos os professores que, tanto nos grupos como nas escolas, não deixem faltar nunca os numeros da Revista, de tal modo que elles estejam sempre á mão para consultas ou leitura.

Os srs. inspectores regionaes, cada vez que entrarem no estabelecimento para a sua visita fiscalizadora, terão o cuidado primeiro de verificar si esta recommendação está sendo cumprida, si a Revista do Ensino está realmente na casa á disposição dos funccionarios que têm necessidade de vel-a e consultal-a. Trata-se de uma publicação especialmente destinada aos que actúam no desenvolvimento do ensino e nada mais logico, portanto, do que recommendal-a ao acolhimento e á intelligencia do professorado do Estado.

A Secretaria aguarda o resultado deste aviso e da incumbencia que, por intermedio deste, dá aos srs. inspectores regionaes.

O USO DE UNIFORMES PARA OS ALUMNOS

O uso de uniformes para os alumnos nos grupos escolares do Estado tem a approvação da Secretaria do Interior. Os directores das casas de ensino e os professores, trabalhando pela adopção delles, fazem, pois, um trabalho elogiavel, que a Secretaria com empenho recommenda.

Além das vantagens materiaes que este costume traz ao ensino, como por exemplo os movimentos collectivos em favor do vestuario para os alumnos, o uniforme faz com que o corpo discente do estabelecimento apresente uma nota egual no vestir, niveladora de todos pelo simplicidade e belleza do conjuncto.

Alguns directores de grupos escolares têm, entretanto, conforme chegou ao conhecimento da Secretaria, impedido a matricula a alguns e a têm cassado a outros pelo motivo da falta de uniformes.

A Secretaria torna publico que não póde tolerar esta medida, porque o ensino é obrigatorio em nosso Estado.

Não é assim que os directores devem agir. O seu trabalho, para a adopção dos uniformes deve revestir-se de um cunho superior, deve ser como que um trabalho de persuasão, que seduza, que seja capaz de abrir ainda mais (e nunca trancar) as portas das escolas.